

Margarida Fonseca Santos

Há sempre um dia em que nos libertamos da memória
e ganhamos coragem para seguir o nosso caminho

UMA PEDRA SOBRE O RIO

Romance

Prémio
Revelação
APE/IPLB

OFICINA
DO LIVRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: *Uma Pedra sobre o Rio*

Autor: Margarida Fonseca Santos

Design de capa: Neusa Dias/Oficina do Livro

Fotografia: Augusto Brázio

Revisão: Rui Gouveia

ISBN: 9789895556274

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2009, Margarida Fonseca Santos

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

Prefácio

Uma Aprendizagem

«Isto é... crescer?», pergunta-se a si própria Teresa, já próximo do final da narrativa, quando, ao fim de uma longa operação de purga interior, consegue, pela «primeira vez», pensar nos pais «sem mágoa nem ressentimento».

Uma Pedra sobre o Rio, a narrativa de Margarida Fonseca Santos, é uma parábola atraente sobre o crescimento... com dor, modo pleonástico de dizer, porquanto todo o crescimento se processa com dor.

Teresa, engenheira civil competente, mas com apetências recalcadas de pintora, sente-se frustrada, o que lhe azeda ou mesmo envenena as relações com Jorge. Aparece-lhe o algo misterioso Pedro, anjo protector, com quem dialoga amistosa mas não amorosamente, num longo exercício de auto-clarificação. Eis a «história», em resumo, isto é, reduzida a um empobrecido fio narrativo.

Quem é Pedro? O leitor encontrará a resposta nas últimas páginas do livro – que é, repito, uma parábola, mas recheada de apontamentos «realistas» que lhe encorpam o tecido narrativo e quase fazem, por momentos, «esquecer» o lado levemente «fantástico» do sonho com a pedra falante e do aparecimento surpreendente de Pedro.

O engenho da narradora revela-se na congeminação de uma crise paralela à que vive Teresa com Jorge: ecoando-a, mas noutra registo, a sua amiga Judite afina, com Luís, e em simultâneo com Teresa e Jorge, um auto-conhecimento fecundo, num crescendo de *sagesse* e tolerância, de que vão por certo beneficiar as relações de um com o outro.

Trata-se, pois, de uma novela de aprendizagem – aprendizagem de viver, de estar de bem consigo e com os outros, percebendo, no final da luta (agonia), que não está bem com os outros quem não está bem consigo próprio.

Já se tem dito que o começo de uma narrativa pode salvá-la ou perdê-la: pode, no primeiro parágrafo, «anunciar», com densidade e perspicácia, todos os valores em jogo. A novela de Margarida Fonseca Santos

documenta esta asserção. Vejamos o que nos «dá» o primeiro parágrafo do capítulo I:

«Começou aos poucos a deixar de ouvir o que se discutia na sala das reuniões. Para quê tentar convencer quem não queria ser convencido? Por detrás da cabeça do colega que estava à sua frente, conseguia ver o céu, as copas das árvores a baloiçar. Ao olhar para fora, foi-se afastando daquela sala, deixando-se envolver por uma sensação de liberdade. Tantas vezes lhe ocorria aquele pensamento de que tudo lá fora continuava, indiferente ao que se passava, ao que se decidia. Era atraída por essa ideia de deixar as coisas correrem, com desprendimento.»

Com singular mestria, a autora marca, em poucas palavras, o *território* e o *anseio* da protagonista, em suma, o motor de arranque da narrativa. Teresa, a protagonista, está numa reunião de trabalho, *mas não está lá*: «Começou aos poucos a deixar de ouvir o que se discutia na sala das reuniões.» Em suma, *afasta-se* e consegue, antes, «ver o céu, as copas das árvores a baloiçar», espreitando «por detrás da cabeça do colega que estava à sua frente.» Outros mundos a chamam e, por isso, «foi-se afastando daquela sala, deixando-se envolver por uma sensação de liberdade.» Está aqui anunciado, em abstracto e em poucas palavras, o nó do conflito que em seguida vai desenrolar-sediante dos nossos olhos: a protagonista vai, em parte, «sair» – libertar-se – de uma parte do seu trabalho de engenheira para se consagrar àquilo que há muito a «chamava»: a pintura, a sua realização como pintora, que vinha de muito longe. A desatenção ao trabalho presente – a inapetência pelo trabalho – traduz esse apetite até aí não consumado de se entregar à expressão de si através da arte. A traição que tem vindo a fazer ao seu «canto profundo» reflecte-se no desconforto da sua relação com Jorge. Quando não estamos bem connosco, dificilmente estamos bem com os outros. Jorge torna-se-lhe particularmente irritante, porque descobre isto mesmo, sobre ela, muito antes de ela própria o fazer. Pedro também, mas esta personagem – que o não chega a ser – aponta-lhe o mesmo caminho, contudo, não estando amorosamente envolvido com ela, isto é, estando *de fora*, pode fazê-lo sem causar crispação: o empenho dos não envolvidos faz-se sem causar irritação nem levantamentos de voz.

Novela que se reparte pela alegoria, a parábola e o registo realista (dado com uma fluência que depressa capta a adesão do leitor), *Uma Pedra sobre o Rio* insere-se com agilidade naquela categoria de livros de quem o leitor

desprevenido se torna amigo. E. M. Forster sugeria que um dos critérios mais seguros de se aferir a perdurabilidade de um livro poderia bem ser o critério do *afecto*. Ficarmos amigos de um livro seria bom sinal. Por mim, fiquei amigo de Teresa, de Jorge, de Pedro, de Judite e de Luís. Isto é, de quem os criou, para nosso uso e aprendizagem. Nunca é tarde.

Eugénio Lisboa

I

Começou aos poucos a deixar de ouvir o que se discutia na sala de reuniões. Para quê tentar convencer quem não queria ser convencido? Por detrás da cabeça do colega que estava à sua frente, conseguia ver o céu, as copas das árvores a baloiçar. Ao olhar lá para fora, foi-se afastando daquela sala, deixando-se envolver por uma sensação de liberdade. Tantas vezes lhe ocorria aquele pensamento de que tudo lá fora continuava, indiferente ao que se passava, ao que se decidia. Era atraída por essa ideia de deixar as coisas correrem, com desprendimento.

Seguia, de tempos a tempos, as conclusões bombásticas dos colegas, dizendo uns «claro» indefinidos. Escrevinhou gatafunhos que não tencionava vir a decifrar. Estava longe daquela sala.

Dentro de si crescia a desilusão que se instalara nos últimos tempos. Tudo lhe parecia um enorme desperdício de energia, como se não valesse a pena. Angustiava-se por se sentir assim, mas cada vez mais lhe acontecia perceber que tudo o que fazia perdera o significado.

Quando a reunião finalmente terminou, estava cansada e aborrecida. Resolveu sair logo do edifício, evitando quem pudesse lembrar-se de lhe pedir uma opinião ou de comentar alguma decisão. Começou a andar pela rua fora, arrastando a pasta e a desilusão, mexendo com dificuldade as pernas.

O dia estava a acabar, o fresco já se fazia sentir. Quando chegou ao pé do carro, abriu-o, meteu a pasta no porta-bagagens e voltou a fechá-lo. Ia andar um pouco, de mãos nos bolsos do casaco, gola levantada a tapar as orelhas e olhos no chão. Ainda verificou se alguém conhecido estaria a observá-la, mas apenas se deparou com uma multidão anónima que seguia o seu caminho, ignorando a sua presença.

Estava quase admirada com aquela estranha sensação de total desinteresse. Não se preocupara sequer com o facto de terem decidido tudo ao contrário do que ela propusera. Teresa pensou que estaria demasiado

cansada para se incomodar, mas nunca lhe acontecera isso no passado. Lutava pelas suas ideias, convencia, muitas vezes, os outros, ficava um pouco irritada com as derrotas. Exibia por vezes um verdadeiro mau perder quando as suas sugestões eram maltratadas pelos colegas, o que acontecia muito raramente. Mas, de há uns tempos para cá, deixara de se empenhar, começara a baixar os braços cedo de mais – instalara-se a desilusão. Nada parecia merecer o seu esforço.

Recebeu um forte encontrão de um rapaz que corria apressado para o autocarro, tão apressado, que nem lhe pediu desculpa, saltando no último minuto para dentro da velha geringonça. Voltou a apertar o casaco junto ao pescoço, olhou o céu, que se tornava alaranjado com poucas nuvens, e pensou que estava sem vontade nenhuma de sentir frio e chuva, de receber o Inverno que aí vinha. Ao que chegara! Já nem lhe apetecia que o tempo a obrigasse a mudar de roupa! Parou a olhar para as outras pessoas, todas tão aceleradas, cheias de força para se deslocarem, e ela sem vontade de nada, nem sequer de pensar.

Recomeçou a andar. As pernas acusavam a imobilidade das longas horas de reunião, recusavam-se a fazer grandes esforços. Abrandou o passo, deixando-se ultrapassar por todos, como se estivesse numa corrida louca com vários concorrentes mais ágeis e fortemente empenhados em chegar ao fim do quarteirão antes dela.

Com os olhos pregados ao chão, tentou esquecer os outros. Queria estar sozinha, sem ter de pensar, sem ter de ver, sem ter de sentir. Conseguiu, aos poucos, deixar de ouvir as pessoas, andando sem se preocupar para onde ia, mergulhando assim num estado de alheamento total. Levantou o olhar uma única vez e pareceu-lhe estar de fora, espectadora de um filme mudo, como se a realidade lhe fosse estranha.

Voltou a seguir as pedras da calçada e começou, pouco a pouco, a deixar que a tristeza a invadisse. Não conseguia perceber essa tristeza, não queria tentar percebê-la. Sabia apenas que algo lhe provocava dor. Os olhos embaciaram-se e os desenhos geométricos do chão foram perdendo os contornos. Apetecia-lhe ter ali alguém que a amparasse, queria poder

deixar-se abraçar e embalar. Invadiu-a uma enorme saudade, sem que Teresa conseguisse distinguir de quem é que sentia saudades naquele momento.

Quando notou que o solo que pisava não era a calçada do passeio, parou de repente. Endireitou a cabeça e viu-se no meio de um descampado, onde árvores de pequeno porte se encontravam espalhadas ao acaso. Não havia uma única casa por perto, ninguém.

Ficou à espera de que o susto tomasse conta dela, mas cedo percebeu que já nem aquilo a fazia ficar preocupada. Sentou-se num enorme pedregulho redondo, fechou melhor o casaco e deixou-se estar ali, exausta, sem pensar em nada de especial, sem sentir nada de especial, como se esperasse que ocorresse alguma coisa. A noite não tinha chegado, e ela apercebeu-se de que já tinha passado o tempo suficiente para que isso sucedesse. Encolheu os ombros. Tanto fazia: noite, dia, qualquer coisa servia. Estava cansada.

§

Perdeu a noção do tempo. Experimentava uma sensação ambígua, pois parecia-lhe que já ali estava havia muito tempo, mas, ao mesmo tempo, sentia-se como se tivesse acabado de chegar. Aquela paisagem não lhe era familiar e, pensando bem, nem era possível, pois não conseguia encontrar no seu campo de visão nada que reconhecesse. Olhou à volta sem pressa e descobriu que, de certa forma, estava confortável no meio daquela solidão. Parecia estar dentro de um sonho.

Passaram alguns minutos, e, por fim, levantou-se. Começou a andar no sentido inverso, não para tentar refazer o trajecto, mas para se convencer de que, pelo menos, se esforçava por encontrar o caminho para o carro. Bastava encontrar o trilho que a levaria à cidade, à civilização, qualquer coisa. Não percebia como podia ter ido até ali e não ver nada que se parecesse com prédios no horizonte.

Voltou a parar. Para quê continuar? Voltou a sentar-se numa pedra. Na mesma pedra? Sim, na mesma pedra. Encolheu de novo os ombros.

Esperaria.

Assim esteve, olhando à sua volta, respirando fundo. A verdade era que se sentia bem. Começou a gostar de estar naquele sítio sossegado. As vantagens saltavam à vista: não tinha qualquer hipótese de ir trabalhar, não precisava de responder a ninguém, não tinha de ouvir ninguém. Sorriu só de pensar que tão cedo não teria outra reunião como aquela em que estivera durante horas.

Um profundo suspiro fê-la estremecer. Não tinha suspirado, mas ouvira distintamente um suspiro. Olhou em volta um pouco assustada, mas não havia ninguém por perto. Assim que se instalou outra vez na posição em que estava antes, voltou a ouvir um suspiro. De um salto, levantou-se. Olhou ansiosamente à volta, desesperada por não ver ninguém.

Os olhos acabaram por se fixar na pedra: grande, redonda, cinzenta. Ouviu-se um novo suspiro, mas Teresa viu claramente que a pedra se tinha mexido, como se inspirasse e, depois, expirasse. Apertou os seus próprios braços, como quem se consola. Depois, desatou a rir.

– Enlouqueci, só pode ser! Uma pedra a suspirar! Para o que me havia de dar!

– É muito comum essa reacção.

Teresa parou de rir. Uma pedra a falar? Olhou em volta, não fosse ter aparecido alguém que ela não tivesse visto.

– Só aqui *estamos* nós, as duas, tu e eu. E o resto da paisagem, claro. Mas isso é só cenário.

Teresa olhou para a pedra. Sentia uma onda de medo a invadir-lhe o corpo. Queria falar, mas não conseguia. Uma pequena pancada nas pernas por trás dos joelhos desequilibrou-a, e virou-se assustada. Era uma cadeira.

– É melhor sentares-te. Pareces ter as pernas fracas.

Como um autómato, Teresa aceitou o convite e instalou-se. Observou a pedra, tentando respirar pausadamente. Fez os possíveis por se acalmar, mas o coração batia descompassado e os dedos estavam cravados nos braços.

– Teresa, não é assim o teu nome? – A um aceno de cabeça da sua companheira de conversa, a pedra continuou: – Devias ser mais

responsável. Desejaste fugir da realidade com muito empenho e agora olhas-me como se fosse eu a culpada.

Teresa não conseguia ainda articular uma única palavra. Viu que a pedra continuava a suspirar. Esforçou-se para voltar a ter uma respiração normal, massajou as pernas para que parassem de tremer e sacudiu o cabelo tentando acordar. Pensava que só podia estar a sonhar.

A pedra rolou um pouco, pondo-se à sombra de uma pequena oliveira que ali estava ao pé. Suspirou novamente, mas agora com menos intensidade, ficando calada uns largos minutos. Teresa acabou por se decidir a falar.

– O que é isto aqui? – perguntou, ela própria admirada por ter recuperado a voz.

– Cenário, já te disse. Eu assumi esta forma de pedra para que não me rejeites de início. Já tentei outras, mas deram mau resultado.

A pedra fez uma longa pausa. Teresa fitava-a quase sem se mexer.

– Querer fugir é uma coisa, assumir que se conseguiu é outra – disse a pedra, com alguma doçura na voz.

– Não percebo...

– É assim mesmo. Não tem importância.

Teresa ia fazer mais perguntas, mas fez-se noite de repente, sentiu-se envolta em lençóis perfumados, ouviu a voz da pedra, pedindo-lhe que descansasse, e adormeceu.

Quando voltou a abrir os olhos, nada tinha mudado, apenas se sentia mais repousada. Estava sentada na cadeira, tinha a pedra à sua frente, a oliveira logo ali. Sorriu para a pedra, e ela falou com uma voz simpática:

– Fez-te bem, não foi? Não me pareceu ajuizado continuarmos a falar assim como estavas. Truques...

– Sinto-me bem, de facto. Os últimos dias têm sido um inferno.

– Sim, estiveste vezes sem conta desesperada, a querer sair de onde estavas. Mas só desta vez o fizeste com força suficiente.

– Estás a dizer que fui eu que me encaminhei até aqui?

– Claro, conheces outra maneira?

– Isto é um sonho, e eu vou acordar não tarda, certo?

- Pode ser, não me importo. Seria pior se achasses que era um pesadelo.
- Eu não vim para aqui, eu estava a andar...
- Para parte nenhuma.
- Isso é verdade – concordou Teresa.
- Como vês, não custa perceber.

Teresa sorriu. Continuava sem entender, mas aquela pedra não ia dizer mais nada sobre o assunto, isso estava claro.

- Mas vamos ao que interessa. Desiludida? – recomeçou a pedra.
- Com o meu trabalho? Referes-te a isso?
- Podemos começar por aí, sim. Esta última reunião...
- Sempre me bati pelas minhas ideias, sempre lutei, e agora estou farta.

Deixou de ser importante.

- Deixaste de acreditar que era importante.
- É a mesma coisa...
- Não, não, são coisas diferentes...

– Mas é horrível estar numa reunião com este estado de espírito, não está de acordo com a minha maneira de pensar.

– Felizmente! Mas não podes continuar a viver assim, sem sentir o que fazes. O dia-a-dia torna-se um verdadeiro pesadelo. O que vais fazer?

- Não sei, não sei mesmo.
- Vamos experimentar. Bate-te por aquilo que queres.

Teresa viu-se rodeada pelos colegas. Havia projectos em cima da mesa, ouviam-se vozes já bastante alteradas. Pediu silêncio, pediu que se acalmassem, começou a falar. Sentia-se como espectadora de si mesma. Defendeu as suas opiniões, discutiu, cedeu, voltou a insistir, conseguiu um relativo bom resultado. Quando todos se levantavam para arrumar os papéis e sair, viu-se de novo em frente à pedra.

Ia começar a exigir explicações quando estremeceu. Alguém lhe tinha posto a mão no ombro. Olhou para o lado e viu uma cara risonha, um homem que devia ter a sua idade, perto dos trinta, que a olhava com um ar divertido. Depressa se apercebeu de que toda a paisagem, a pedra, a

oliveira, tudo desaparecera. Estava sentada num banco de jardim, não muito longe do escritório.

– Desculpe se acordei demasiado depressa. Estava a começar a ter arrepios de frio. As noites já estão desagradáveis.

– Estava a sonhar.

– Há já algum tempo. – Perante o olhar admirado de Teresa, o homem apressou-se a continuar: – Sentei-me ao seu lado quando a vi adormecida. Como tinha a mala à vista, pensei que ainda seria roubada. Mas acabei por ter pena de a acordar.

– Há quanto tempo está aqui?

– Uns três quartos de hora, talvez menos.

Teresa endireitou-se, tentou compor o cabelo em desalinho, olhou disfarçadamente para a mala, ainda com dúvidas sobre se teria sido realmente roubada e se aquilo não seria um *bluff*. O homem riu-se ao vê-la atrapalhada.

– Não mexi em nada, acredite. Tenho estado a ler o jornal.

– Não estou a duvidar de si, por favor, não pense isso.

– Só não duvidaria se fosse tonta. E não parece. Teresa sorriu para o seu protector, envergonhada. Parecia uma pessoa simpática e bem-disposta.

– Estive a sonhar... Uma coisa tão estranha, sonhei com uma pedra...

– Não diga isso – brincou o homem –, pode ser mal interpretada! A dizer que estava com uma pedra...

Foi a vez de Teresa se rir com gosto.

– De facto...! A pedra estava a dar-me lições de comportamento, de convicção, sei lá, fez-me voltar à reunião e remediar tudo o que não fiz antes.

– Não estou a acompanhar lá muito bem o que diz, mas era uma pedra moralista, ao que parece.

– Queria que eu voltasse a empenhar-me pelas coisas. E eu sem vontade...

Teresa deixou-se abater pela desilusão novamente. O seu protector espiava-a, atento, e resolveu mudar de assunto.

– Com vontade, mas de comer, estou eu. Não a posso convidar para jantar, mas um hambúrguer posso oferecer. É que já passa das nove.

Teresa olhou para o relógio. Eram realmente nove e meia. O corpo estava dorido de ter estado a dormir num banco de madeira ao frio, mas o estômago também já se queixava.

– Parece-me uma excelente ideia. Mas cada um paga o seu.

– Combinado.

Levantaram-se e começaram a andar. Havia uma casa de hambúrgueres dois quarteirões acima, de modo que, ao passarem pelo carro de Teresa, ela não fez o menor movimento para entrar nele. O seu interlocutor continuava a falar de como se surpreendera ao vê-la a dormir tão pesadamente e do tempo que tinha passado.

– Não me apresentei. Teresa Martins.

– Pedro. Pedro Moniz.

Apertaram as mãos, mesmo antes de entrarem para jantar.

Passadas as primeiras dentadas e aliviada a sensação de fome que qualquer um dos dois sentia, Pedro voltou a falar:

– Agora diga-me lá o que foi que se passou, essa história da reunião, da pedra, da pedrada...

– Não foi pedrada, foi neura. Fiquei esgotada com aquela reunião. Ninguém quer saber das ideias dos outros, falam todos ao mesmo tempo, cansam-me. Quando estive a falar com a pedra, tentei explicar-lhe isso.

– A falar com uma pedra – sorriu Pedro, entre duas batatas fritas.

– Eu também achei estranho. Mas ela disse que era normal, que até já tinha experimentado outras formas, mas que aquela era a melhor.

– A forma de pedra...

– Sim.

Teresa apercebeu-se de que Pedro a ouvia como quem ouve um pesadelo de uma criança de seis anos. Corou.

– Não precisa de ouvir isto.

– Não leve a mal se me divirto. Acho espantoso que se lembre de tudo com tanto pormenor. Continue, por favor.

Teresa hesitou. Mas nada tinha a perder, e sempre era uma reconstituição do que sonhara.

– A pedra insistia em que tudo o que eu via à volta era cenário.

– E o que era?

– Árvores pequenas. E uma cadeira, que ela fez aparecer quando percebeu que eu estava com as pernas a tremer. Ah, e também me fez dormir para eu descansar. Com lençóis e tudo.

– Deve ter sido nessa fase que dormiu mais profundamente. Era uma pedra muito esperta – disse Pedro, num tom brincalhão.

Teresa riu também. Contou-lhe tudo aquilo de que se lembrava. Acabou por confessar ter pena de não ter sido verdade a sua mudança de atitude na reunião.

– Agora vai-me custar horrores trabalhar num projecto em que não acredito.

– Trabalha em quê, Teresa?

– Numa empresa de construção civil, fazemos projectos de prédios, pontes, estradas, coisas assim.

– Engenheira?

– Sim. E o Pedro?

– Sou professor de liceu, de Matemática. Também um pouco farto, devo dizer. Deve ser uma fase que bate a todos, não?

O resto dos hambúrgueres foi comido sem pressa, as batatas fritas renderam uma boa meia hora. Mais um gelado... quase onze da noite.

Quando saíram, o vento frio cortava, e despediram-se à pressa quando o Pedro viu aparecer ao fundo da rua um autocarro que lhe dava jeito. Trocaram cartões, mas não tiveram tempo de combinar nada.

Teresa ficou parada na rua, a ver o autocarro virar a esquina. Caminhou devagar para o carro, com as chaves nos dedos. Olhou o cartão – um nome, uma morada e um telefone. Não seria ela a telefonar, claro, não pareceria nada bem. Mas tinha gostado de estar com ele. Assemelhava-se a um velho amigo. Sorriu, entrou no carro, fez rodar a cabeça para todos os lados, tentando dissipar a dor do pescoço, e arrancou.

§

Respirou bem fundo antes de empurrar a porta do gabinete. Teresa sabia que iria ser questionada por causa da reunião da véspera. Sentia-se sem paciência para ouvir quem quer que fosse, muito menos Antónia. Sobretudo, não queria mesmo ouvi-la!...

– Bom dia, Teresa.

– Bom dia, Antónia. Bom dia a todos.

Várias cabeças se levantaram, com vários sorrisos pouco claros. Teresa pousou a pasta com um ar muito ocupado, começou a procurar papéis sem olhar uma única vez para Antónia, que continuava firme, de pé, ao lado do seu estirador.

– Não estás doente, não?

– Doente? Eu? Porquê?

– Nada. Ficámos um pouco admirados com a tua atitude de ontem.

– Deixa a rapariga, Antónia – disse Zé, do fundo da sala.

Teresa agradeceu-lhe com o olhar. Mas cedo de mais. Antónia não desistira.

– O meu Carlos viu-te ontem à noite, nos hambúrgueres.

Teresa sentiu um arrepio. Afinal, tudo parecia ter realmente acontecido. Sem deixar de mexer nos papéis, tentou manter o ar natural.

– E porque é que não me falou? Eu não o vi.

– Estavas acompanhada... não ia incomodar. Se fosse o Jorge, ele estava à vontade...

– Disparate! Estava com um primo meu, já não nos víamos há séculos. Não tinha tido importância nenhuma.

Antónia parecia um pouco desarmada. Teresa nunca a encarou, espiando-lhe apenas os movimentos das mãos para avaliar a situação. Continuou a remexer nos papéis. Pegou num ao acaso e dirigiu-se para a fotocopiadora. A colega desistiu, começando a conversar com outro desgraçado. Quando Zé se chegou à fotocopiadora, riu-se do papel que Teresa fotocopiava.

– Agora fotocopias recibos de ordenado?

– Cala-te! Tirei à toa. Qualquer coisa servia para fugir daquela criatura. Devíamos ter um subsídio por ter de a aturar.

– Ontem ainda te quis falar, mas saíste à pressa.

– Claro! Ia ficar aqui a ouvir comentários, achas?

– Não te defendeste como de costume.

– Já não acredito o suficiente. Zé, tu conheces-me, não me vais massacrar também, pois não?

– Não, não vou. O projecto até nem ficou mal, com aquela solução. Só estranhei que não te bateses mais. Eu achava as tuas ideias mais interessantes.

– E mais caras... e mais demoradas. Não tem importância. Fica assim.

– Não te chateio mais, juro. – E, baixando a voz, inclinou-se sobre a colega. – E o primo...

Teresa fechou-lhe a fotocopiadora nas mãos. Sabia que ele estava a brincar, mas ela é que não. Estava num sobressalto, pensando que o desconhecido poderia telefonar. Não se conseguia concentrar.

Lembrou-se de que Jorge nunca mais lhe dissera nada. Depois da discussão que os afastara, havia já duas semanas, não tinham voltado a encontrar-se. Sentou-se ao estirador, pensou nos dois. Continuava muito ligada ao Jorge, mas sentia Pedro como um amigo fiel. Endireitou-se de repente. Que disparate, estar a considerar uma pessoa que tinha visto uma única vez como um amigo! Começou a trabalhar.

§

Jorge tinha ficado de ir jantar lá a casa nessa noite. Teresa preparara tudo sem entusiasmo. Sentia-se insatisfeita, entristecia-a ver esmorecer uma relação que tinha sido forte e bonita, mas adivinhava-lhe o fim.

Assim que o viu entrar, Teresa teve a certeza de que estava iminente uma discussão violenta, ou pelo menos desagradável. Jorge vinha cheio de olheiras, muito pouco comuns nele, e com uma expressão triste.

Quase que por instinto, Teresa começou a fazer de conta que não se tinha apercebido de nada, procurando parecer muito ocupada com o jantar que estava a preparar, embora o fizesse com enfado e se sentisse desanimada. Foi-lhe perguntando banalidades para adiar o começo da tormenta.

Jorge sentou-se perto da janela, com um jornal diário nas mãos, numa atitude muito pouco usual, espiando as manobras de diversão que Teresa continuava a montar. Também se sentia insatisfeito, também ele sabia que teriam de passar por uma conversa pouco agradável, mas a coragem não era muita.

Sentaram-se à mesa sem fome. Sem sequer se poderem dar ao luxo de cumprir uma rotina, uma vez que não viviam juntos, comeram em silêncio. Metade do que Teresa confeccionara a custo ficou na mesa, frio e sem graça. Jorge recostou-se na cadeira e respirou fundo, olhando-a de frente pela primeira vez naquela noite. Teresa arrepiou-se, embora soubesse que o que ia acontecer fora provocado por ambos e pelas situações.

– Temos de falar, Teresa.

– Sobre...?

– Tu sabes muito bem a razão, não faças isso.

Teresa começou a torcer a ponta do guardanapo de papel.

– Não sei explicar o que sinto, só sei dizer que estou a sentir-me muito mal com esta nossa relação. Já não me apetece vir ter contigo como dantes, não me... Não tenho vontade de... Quer dizer...

– De me aturar.

– Não precisas de pôr as coisas nesses termos – disse Jorge, muito pouco convincente.

– Mas é verdade, ou não?

– Estás sempre tão irritada... azeda... Parece que tudo te corre mal, que não toleras nada. Tu não eras assim.

Teresa pegou noutra ponta do guardanapo, deixando na toalha os restos da primeira. Também ela se sentia saturada de tudo, mas não sabia explicar porquê.

– Não se vive sempre em estado de paixão... – arriscou.

- Essa conversa sobre a excitação do princípio é um disparate.
- Então, o que é que mudou?
- Não sei explicar. Não me tratas da mesma forma.
- Também tu não. Estás sempre a refilar com o meu trabalho e dantes não. Sempre a dizer que perco tempo de mais com o que faço lá no escritório. – E atirando os restos do guardanapo com alguma fúria para cima da mesa, concluiu: – Parece que não queres que eu trabalhe.
- Não é nada disso. Tu trabalhas de mais para não fazeres outras coisas, andas a fugir. Tens andado sempre a fugir! Isso é que me irrita.
- Não se faz só aquilo de que se gosta, meu menino. Teresa notou que a voz começava a assumir um tom azedo.
- Nunca mais pintaste e depois irritas-te com os outros por causa disso.
- Eu não te atiro com isso à cara, pois não? Então, porque é que estás sempre a falar disso? Se não pinto, é porque não me apetece.
- Ou porque não deixas que te apeteça. E depois andas para aí a carregar a frustração. Pior! Atiras para cima dos outros essa frustração!
- Queres justificar a tua falta de interesse em mim com essa história da pintura?! É preciso ter muita lata!
- Não precisas de gritar.
- Eu não estou a gritar! Estou espantada com a tua argumentação! Já não estás interessado em mim e arranjas essa desculpa?! Bem me queria parecer que tanta insistência nisto queria dizer qualquer coisa. Não percebi antes, mas vejo agora. Andas a preparar isto há já algum tempo. Pois fica sabendo que não é só pintar que me dá gosto, há coisas bem mais simples e que eu deixei de ter. É mesmo boa essa tua explicação! Nem é uma explicação, é um pretexto qualquer para me deitares abaixo ainda mais do que eu já estou!
- Não digas disparates, Teresa. É a explicação que eu encontro. Acho que te custa não fazeres aquilo de que gostas e que te estás a tornar uma revoltada por isso. Vens sempre estoirada, não queres fazer nada, nem... – e calou-se.

– Vais-me culpar por tudo o que corre mal entre nós, não é? Deve ser bem mais simples! Não percebo o que te prende aqui.

E Jorge levantou-se de repente, deixando Teresa num estado de apatia súbita, agarrou no casaco e bateu com a porta. Quando Teresa conseguiu mover-se novamente, foi até à porta da rua, mas não a abriu. Jorge já se tinha ido embora.

Não tinham conseguido manter-se calmos, nem conseguido dizer o que pensavam. Só restara a agressão, o azedume, a voz alterada e, sobretudo, o olhar de desprezo.

Teresa pensou que teria sido o fim da relação. Mas não conseguiu chorar nem telefonar à Judite. Não teve nenhuma atitude que fizesse sentido naquele momento. Limitou-se a ligar a televisão e ficou a olhar para o ecrã sem pensar, sem ver, sem sentir.

§

Quando chegou a casa, Teresa viu o número três a olhar para ela. Três mensagens. De quem? Ligou a maquina, esperou, batendo com os dedos na mesa do telefone, incitando o gravador a falar.

«Teresa, fala a Judite. Preciso imenso de estar contigo. Se puderes dar uma escapadela de manhã, íamos às compras. Se não disseres nada, vou aí ter de manhã.» Chatices, de certeza. Teria de telefonar para o escritório a dizer que ia mais tarde, que depois compensava. Segundo telefonema. «Sou eu... Jorge. Podemos ver-nos? Telefono outra vez. Um beijo.»

Teresa ficou sem respiração. Que saudade! Finalmente, ao fim de quinze dias, dava sinal de si. Parecia voz de reconciliação, mas nada de falsas esperanças... Depois se veria. Terceiro telefonema.

«Não gosto nada destas máquinas. É o Pedro, não sei se ainda se lembra de mim. Volto a ligar.»

Teresa atirou-se para cima do sofá. O coração estava a bater com muita força. Sentia-se novamente espectadora de si mesma, não conseguia sentir mais nada do que uma pressa horrível. Mas não sabia de quê.

Toda a noite esperou que o telefone voltasse a tocar. Nada se passou.

Tentou ligar para o Jorge, num rasgo de coragem, mas ninguém atendeu, só o gravador. Deixou só a voz sumida numa mensagem sem nexos. Desligou irritada. Nunca tinha aprendido a lidar com as interrogações. A indefinição esgotava-a.

Quando finalmente se deitou, os pensamentos enrolaram-se uns nos outros. Sentia-se quase a sonhar, mas tinha consciência de ainda estar acordada. Viu-se na recepção do Centro de Pintura, com a inscrição para o curso na mão e sem conseguir entregá-la, entorpecida. Logo a seguir, viu-se a discutir com o Jorge, viu-o sair batendo com a porta, viu-se a abri-la para o chamar e encontrar a pedra no patamar, que parecia sorrir-lhe.

Sentiu-se outra vez no descampado, uma brisa leve a levantar-lhe os cabelos, viu que estava sentada em frente à pedra. Queria tanto dizer-lhe que era no dia seguinte o fim das inscrições para o curso de pintura, que não podia distrair-se, que queria imenso ir, que tinha tanto medo de ir, mas a pedra dizia-lhe que dormisse, que nunca se deve tentar resolver problemas quando a nossa cabeça está baralhada. Sentiu o conforto dos lençóis, acabou por adormecer, mas em sobressalto.

§

O dia seguinte apresentou-se cinzento. Teresa saiu à pressa da cama, sem tentar interpretar a luz velada das nuvens, julgando ser muito mais tarde do que na realidade era. Quando acabou de se arranjar, teve a estranha sensação de que tudo o que se passara nos últimos dias fora um sonho. Sentia os pensamentos entorpecidos, não lhe apetecia sequer ir trabalhar. Vinha mesmo a calhar a visita da Judite.

Pegou no telefone, ligou para o escritório, disse que iria mais tarde, não houve problema. Quase todos faziam um horário flexível, apenas interessava acabar o trabalho dentro dos prazos. Mal tinha acabado de pousar o telefone, ouviu-o tocar. Sentiu a vibração da campainha nas mãos, como se queimasse.

– Sim?

– Mas que rápida a atender! Costuma estar assim sempre perto do telefone, ou isso foi pressentimento?

– Tinha acabado de desligar.

– Lembra-se de mim?

– Pedro, não é? Claro que me lembro. Deixou-me recado no gravador, mas cheguei tão tarde a casa, que...

– Não tem importância. Gostava de estar consigo de novo. Acha possível?

Teresa sentiu-se sufocar. «Será que ele pensa em alguma coisa mais a sério? Que chatice!»

– Está?

– Sim... Estava a apanhar uma caneta do chão, desculpe.

– Olhe, Teresa, não quero que me interprete mal. Gostei de falar consigo, acho-a uma pessoa fora do vulgar... Mais nada, não sei se me está a perceber.

– Ora, eu não estava a pensar em nada! Quando é que nos encontramos, então?

– Talvez amanhã ao jantar, se lhe der jeito. Passo pelo seu trabalho? É ali perto do sítio onde a encontrei, não é?

– Sim, pode ser no mesmo banco. Vou tentar estar acordada – brincou Teresa.

A conversa acabou rapidamente, pois a campainha da porta de entrada do prédio tocou. Despediram-se, e Teresa falou pelo intercomunicador. Abriu a porta a Judite e compôs-se um pouco mais ao espelho.

Assim que Judite entrou em casa da amiga, disparou a falar sem parar, andando atrás dela, seguindo-lhe os passos intermináveis da rotina da manhã. Não queria perder um só minuto, queria contar tudo o que se passara até ao mais ínfimo pormenor. Teresa ouvia-a, sem tirar os olhos do que estava a fazer e respondendo a todos os «estás a ouvir?» com um sim paciente e um sorriso diluído pelas tarefas.

– Se ele te fizesse isto, como é que tu reagias? Diz lá!

Teresa apercebeu-se de que a atenção tinha sido muito pequena. Não se lembrava de nada assim horrível, não ouvira dizer nada que a chocasse muito. Os seus próprios pensamentos estavam a distraí-la da conversa. Tentou disfarçar o melhor que pôde.

– Ora, não foi nada do outro mundo...

– Não me estavas a ouvir, está-se mesmo a ver. Será que não podes largar essas roupas só por um instante? Que diferença faz estar tudo arrumado ou não?

– E quem é que chega logo à noite a casa e tem de fazer tudo?

Judite tentou amuar, sem grande convicção.

– Eu deixei um montão de coisas por fazer.

– Quem não te conheça, que te compre. Deves ter a casa impecável.

– Mas não fiz tuuudo!

– Nuuuunca está tuuudo feito! O azar é esse.

– Ouves-me então?

– Se vieres prò pé de mim. Ainda não comi.

Teresa foi tirando do frigorífico tudo aquilo de que precisava para tomar o pequeno-almoço, olhando para a amiga para ver se ela queria fazer-lhe companhia, mas Judite estava demasiado compenetrada em desbobinar novamente a história toda.

– Recomeço?

– Sim...

– Bom. Era já meia-noite e meia, e ele sem aparecer. Comecei a ficar preocupada, tu também ficavas, de certeza.

– Pois...

– Ficavas, sim. Por mais que queiras dizer que não, sempre vem o bichinho desassossegar-nos.

– Vá. Era meia-noite...

– E meia, meia-noite e meia. Meteu a chave à porta, entrou sem fazer barulho, cheio de cuidados. Levantei-me de um salto. Assustei-o, acho eu.

– Coitado do Luís.

– Coitado? Eu é que estava ali à espera, e tu ainda dizes coitado?

– Ai, que chata!

– Bom. Veio até ao quarto sem me dizer nada. Eu atrás dele, e ele nada. Despiu-se, meteu-se na cama, e nada. Nem me ia dizer boa-noite, acho eu.

Judite estava profundamente sentida. Teresa pousou a chávena de café e dispôs-se a tomar mais atenção.

– Não lhe perguntaste nada?

– E eu era lá capaz de ficar calada!

– De facto...

– Perguntei-lhe onde tinha estado.

– Tu não sabias?

– Sabia, mas àquela hora...

– E ele?

– Perguntou-me se eu não sabia...

Teresa engasgou-se com a torrada. Não conseguiu conter o riso.

– Desculpa.

Judite encolheu os ombros, amuada.

– Continua lá, vá.

– Como disse que sabia, mas que não acreditava que ele lá tivesse estado tanto tempo, olhou para mim e disse aquilo.

– Aquilo, o quê?

– Que se dissesse naquela altura, só me ia magoar. Que não podia falar. Daqui a uns dias, talvez.

Ficaram as duas a olhar para o pacote do leite, como quem decora a promoção das pegas de cozinha, cada uma pensando por si, as duas em sintonia, como sempre.

– E hoje?

– Sei lá! Como não dormi até às quatro da manhã, desvairada a magicar, tomei um comprimido. Não o senti sair de manhã.

– E os miúdos?

– Tratei eu deles.

– Não percebo. Então se não acordaste...

– Eu acordei com o despertador, ele é que já tinha saído.

– Tão cedo?! Grande chatice.

– E aguentar a espera? Sei lá quanto tempo é que ele vai ficar sem me dizer nada? Já pensaste?

Teresa levantou-se, voltou a arrumar tudo nos seus lugares, dando tempo a que o cérebro descobrisse qualquer coisa de jeito para confortar a amiga, embora sem grande esperança de a encontrar.

– Tu também estás a pensar que anda outra na costa...

– Sei lá o que é que hei-de pensar!...

– Eu sei que estás! – desafiou Judite.

– Está bem! Estou. Mas pode ser que não seja. Nunca houve nada...

Teresa parara no meio da cozinha. A amiga tinha o olhar de quem recordava vários episódios, de quem não estava a gostar do que revia.

– Vamos mas é às compras – disse Teresa, de repente. – Trouxeste a tua lista?

– Sei de cor.

– Estou mesmo a ver...

– Esqueci-me, com a aflição. – Prendeu os braços da amiga. – Tu achas que ele já não gosta de mim? Diz lá a sério.

– Não acho mesmo. Acho que vocês têm uma relação muito bonita, isto passa.

– *Isto...* Nem sequer sei o que *isto* é...

– Vamos. – E, olhando para o recado da mulher-a-dias, leu em voz alta: – «A senhora não se esqueça da lixívia.» Era só o que faltava! Para me manchar tudo como sempre.

Saíram. Todo o percurso até ao hipermercado foi feito quase em silêncio. Teresa não encontrava palavras que pudessem quebrar a ansiedade da Judite, limitando-se a praguejar contra os condutores menos dotados, embora ela mesma estivesse a guiar de uma forma atabalhoada e nervosa.

Chegadas ao hipermercado, Judite recomeçou a falar. Contou as novidades dos filhos, queixou-se do horário que tinha na escola, e o ambiente começou a desanuviar.

Teresa sentiu uma enorme vontade de contar o episódio do sonho, da pedra, do Pedro, mas não conseguiu. Algo de muito sagrado parecia estar ligado àquele encontro. Talvez fosse a primeira vez que lhe ocultava a verdade. Não foi capaz de dizer nada.

De repente, Judite parou com um esgar terrível estampado na cara.

– Não acredito...

– Que foi? Esqueceste-te do multibanco?

– A parva da Laura...

– Já nos viu... – confirmou Teresa, olhando na direcção que Judite lhe apontara.

– Sorriso número vinte e três, aqui vai. Grandessíssima pirosa, olha só para aquelas calças!

– Não exageres, Judite. Hoje nem é dos dias piores. Disfarçamos e seguimos?

– O mais possível.

Laura caminhava na direcção das duas amigas, com um sorriso nos lábios, um saco cheio até acima numa mão, chaves do carro na outra. Tinha já despachado as compras, para sorte delas.

– Só vos digo, meninas. Isto está cheio de gente! As duas nas comprinhas?

– Parece que sim...

– São mesmo inseparáveis, vocês. Ainda ontem disse ao Joãozinho que achava que vocês eram as amigas mais fiéis que eu conhecia.

– E que disse o Joãozinho a isso? – perguntou Judite, sentindo uma forte cotovelada nas costelas.

– Ora, não sejas brincalhona. Não me digam que ainda vão a chegar. Se estivessem a sair, podíamos ir tomar um cafezinho.

– Vamos entrar agora. Aliás, já estamos um pouco atrasadas. Temos de estar de volta daqui a uma hora.

Não pararam de a sacudir até a verem afastar-se. Judite ficava fora de si com aquela conversa das amiguinhas, do Joãozinho, das comprinhas. Teresa disfarçava um pouco melhor.

– Já chega o que a aturo na escola! Só faltava mais este suplício: tomar cafezinho com a Laurazinha...

– Não apetecia, de facto.

– Confesso que já não a suporto mais. Sabes o que é que ela me disse ontem, no meio do corredor?

– Conta.

– Disse assim: «Ai, Judite! Andas a exagerar nas noites. Olha só para essas olheiras.»

– Em frente aos alunos?

– De toda a gente! Não sei se queria dizer o que toda a gente pensou, mas...

– Toda a gente pensou. Se me fizesse uma dessas, respondia-lhe à letra.

– Quem te oiça até acredita que és capaz.

– Não sou, mas gostava de ser...

– É verdade, Teresa, esqueci-me de te perguntar pelo tal curso de pintura. Sempre o vais fazer?

– Nem sei. Devia ir fazer a inscrição, o prazo acaba hoje. Mas acho que não tenho coragem.

– Eu levo-te lá. Tem de ser!

– Tenho tantas dúvidas...

– E eu ralada com as tuas dúvidas. Vais e vais mesmo, nem que tenha de te levar pela mão!

– Sinto-me sem forças para nada.

– Não digas disparates, Teresa! Que parva...

– É que...

– O Jorge não voltou a aparecer?

– Telefonou ontem, deixou recado no gravador. Não sei o que hei-de pensar. Tenho a vida toda embrulhada.

Judite tinha a testa franzida. Não gostava nada de a ver assim.

– Mais uma razão para te agarrares ao tal curso. Tem mesmo de ser!

Começaram a encher o carrinho das compras, cada uma com um ar mais ocupado que a outra, mas ambas a tentar não pensar muito.

Judite sentia-se perdida, como se uma enxurrada a levasse sem ela poder fazer nada para o impedir. Teresa estava com o coração apertado, pensando que o caso de Luís não devia ser coisa leve, caso contrário teria falado logo. Só esperava que o dia de amanhã chegasse depressa para poder falar com Pedro. Que engraçado. Sentia-se bem por lhe poder contar aquelas coisas. Um estranho. Mas tão diferente.

II

Fechou o carro e abotoou melhor a velha canadiana. Começou a descer em direcção à praia, hesitando em cada degrau por não conseguir ver através das lágrimas a verdadeira dimensão de cada uma. Sentia o frio húmido trazido pelo vento a roçar-lhe na cara, mas não era desagradável. Estava de acordo com o seu estado de espírito – frio de tão só e húmido de tanto choro.

Já sentada no areal, descalçou as botas e tirou as meias grossas de lã. Enterrou os pés na areia fria. Ainda tentou esboçar um sorriso ao ver as ondas a rebentar na praia, mas tudo o que conseguiu foi um grande soluço. Abraçou as pernas e aninhou a cara nos joelhos, vergando-se à tristeza.

Não se apercebeu de quanto tempo esteve naquela posição, mas não devia ter sido pouco, pois as pernas acusaram a inactividade quando tentou esticá-las. Os pés estavam gelados. Sabia-lhe bem o contacto com a areia, fazendo-lhe lembrar de quando era criança e passeava com os pais e os irmãos à beira-mar no Inverno. Tentou enxugar as lágrimas na manga do grosso casaco e respirou fundo. Continuava a ver o mar por entre uma névoa, mas começara a serenar.

Foi nessa altura que se apercebeu de que não estava sozinha. Olhou para o seu lado direito e encontrou uma cara redonda, de olhos negros e grandes que a observavam muito espantados. Não tentou disfarçar o choro, pois não sabia há quanto tempo estaria ali aquela criança. Eram os únicos em toda a praia.

Os olhos continuavam a fitá-la com uma expressão de alguma preocupação, numa expectativa que não escondiam. Teresa esboçou um sorriso pouco convicto, que os grandes olhos se apressaram a receber.

– Pensei que não ias parar de chorar... Eu pensava que os adultos não choravam, quer dizer, que não choravam assim... És adulta, não és? Vieste de carro...

Adulta... vir de carro. Teresa pensou o difícil que era definir o ser adulto. Apeteceu-lhe explicar àquele rapazinho que não, que ter vindo de carro não queria dizer nada, que se sentia a maior criança do mundo, embora tivesse vinte anos feitos, que queria poder estar ao colo de alguém que a consolasse, que guiava o carro, mas parecia não saber conduzir a vida.

Contudo, os músculos do pescoço haviam assegurado a única resposta possível, acenando com a cabeça um sim provisório. Ficou agradecida por ainda haver uma parte de si que mantinha as reacções dentro dos parâmetros normais de comportamento.

O rapaz levantou-se e foi encostar-se à rapariga sem cerimónia, aconchegando-se bem, juntando as calças de ganga de ambos num calor mais confortável. Teresa envolveu-o com o braço, e assim ficaram, em silêncio, vendo o mar a rebentar na areia e a fugir, sempre sem se decidir entre o ficar e o ir.

Teresa sentia o cheiro do cabelo do rapaz, um cheiro feito de humidade e perfume de ervas. Adivinha-lhe os ombros franzinos dentro do casaco, e espantava-se com a diferença de estaturas, a sua verdadeira dimensão, ao pé de um corpo tão pequeno.

O rapaz teria uns sete, oito anos, não mais. Vestia como todos, de calças de ganga, anoraque, ténis a despropósito. O cabelo encaracolado era muito negro, tal como os olhos que a tinham observado antes.

Foi o rapaz que quebrou o silêncio, com uma voz meiga.

– Alguém te fez mal?

E Teresa ficou sem saber o que responder.

– Não, acho que não.

– Magoaste-te?

Teresa encarou aquele rosto que a espiava. Não pôde deixar de sorrir.

– Um bocadinho...

– Então porque é que choravas tanto? A minha mãe diz sempre que só se chora por uma boa razão. Um arranhão pequeno não chega.

– Ela tem razão. Mas este foi um arranhão um bocadinho grande...

Os olhos do rapaz percorriam-lhe as mãos e a cara, as calças de ganga, os pés nus. Procuravam ansiosamente um sinal de ferida.

– Não vejo nada...

– Foi cá dentro... – acabou por dizer Teresa, apontando para o coração.

– Ah... Aí deve doer...

Teresa abraçou mais o rapaz contra si, apertando-o tanto como o nó lhe apertava a garganta, tentando impedir a corrente que voltava. O rapaz espiava-a, pelo canto do olho, adivinhando o que estava para vir.

– Quando me ralham muito, assim por coisas que eu não fiz por mal, também fico a rebentar. Aperta-me aqui o pescoço... – E as mãos apertavam o pescoço, demonstrativas da aflição. – Tu fizeste alguma coisa por mal?

Os dois olhos esperavam pela resposta, obrigando-a a voltar à praia, ao dia em que estava.

– Não, a sério que não.

– Então vais ver que te desculpam... A mim só uma vez é que não desculpam. Foi quando estraguei a chave na fechadura. O pai achou que eu estava a fazer asneira porque quis. Chorei muito, mas ele não percebeu que eu não tinha feito de propósito... Deve ter sido por termos de ficar com a porta aberta, e ter sido preciso chamar o homem das fechaduras. Ficou chateado dois dias.

– E tu?

– Chorei e depois passou-me.

Teresa pensou que também queria uma solução dessas, chorar e esquecer, mas não parecia possível. O rapaz tinha-se soltado do abraço e estava agora de frente para ela, com as mãos a levantar bocadinhos de areia que o vento fazia cair uns centímetros mais à frente.

– Como é que te chamas? Eu sou o Raul.

– Teresa.

– Eu vivo aqui mesmo em frente da praia.

– Eu moro na cidade.

– Coitada...

Teresa riu-se com gosto. Nem ele sabia o quanto estava certo. Viver ali seria infinitamente melhor. Raul voltara a observá-la com cuidado.

– Como é que te magoaste?

Teresa ficou muito tempo sem falar. Não sabia se devia dizer alguma coisa. Apetecia-lhe tanto, mas... e se os pais daquela criança pensassem que eram histórias de mais para oito anos mal feitos? Os olhos continuavam à espera, sempre espiando por detrás da franja que os tapava.

– Acho que não é bem para a tua idade...

Pela expressão, o rapaz não ficou nada satisfeito com a justificação. Estava visivelmente aborrecido e até se sentia um pouco ofendido. Teresa achou que não devia escorraçá-lo, sobretudo depois de ter sido tão bem acolhida.

– Eu conto. Mas deixa-me respirar um bocadinho.

Raul esboçou um sorriso malandro e esperou pacientemente.

Tinham começado, quase sem dar por isso, a fazer um buraco. Iam tirando a areia em pequenas quantidades e fazendo uns montículos de lado. O vento fazia com que o cabelo de Teresa lhe dificultasse a visão, estando sempre a virar a cara ao vento para que este a libertasse dos cabelos em desalinho. Raul começou a escavar com mais convicção assim que sentiu a água a aparecer no fundo do buraco. As paredes ruíam assim que surgia mais um pouco de água. Iam falando de coisas sem importância, de túneis de areia, de calor, de mergulhos. Na verdade, falavam das coisas mais importantes, mas não sabiam.

Ouviu-se uma voz a chamar pelo nome de Raul, e ele acenou entusiasticamente. O vulto fazia-lhe sinal para que fosse ter com ele, mas Raul pedia com os dedos um bocadinho mais de tempo. Ainda se ouviu um «só mais um bocadinho, pequenino», e o vulto virou costas e caminhou em direcção às casas que se alinhavam ao longo da praia.

– É o meu pai.

– Não devias ter ido com ele?

– Ele deixa-me ficar mais um bocado. – E olhando na direcção da casa: – Da janela da cozinha, vê-se bem a praia. A minha mãe vai controlando se eu

estou bem enquanto faz o jantar.

Teresa olhou para a casa. Seria ainda cedo para iniciar a confecção do jantar, mas via-se que havia movimento junto de uma das janelas.

– Não tens medo de ficar aqui sozinho na praia?

– Não, porquê?

Teresa encolheu os ombros. Não sabia bem. Achava que uma criança não devia estar ali assim. Mas, por outro lado, apetecia-lhe imenso que ele ficasse.

O buraco absorveu-os tanto, que Raul se esqueceu momentaneamente da promessa de contar tudo que Teresa lhe fizera. Entre uns «escava aí» e uns «essa parte não», pouco mais falavam. A areia entrava-lhes nas unhas, forçando a pele, mas nada os demovia. Parecia uma construção de guerra, com fossos, muralhas e passagens secretas.

De repente, parando a actividade e olhando-a bem de frente, Raul lançou novamente aquele olhar e repetiu a pergunta.

Teresa deixou-se vencer. Sacudiu a areia das mãos, roçou-as com violência nas calças de ganga e respondeu sem mais rodeios.

– O meu pai morreu. E eu sinto-me muito sozinho.

Raul tinha largado tudo e afagava-lhe a manga do casaco. Ficaram assim até aparecer o pai do Raul. O rapaz disse-lhe ao ouvido uma pequena frase, e o senhor, sem grandes apresentações nem cerimónias, convidou-a para sua casa. Jantaram em família e distraíram-na da tristeza sem lhe perguntarem mais nada.

Teresa voltou àquela praia muitas vezes, mas nem sempre os encontrou. Sabia que existiam, e isso chegava-lhe. Longas conversas à beira-mar foram das melhores ajudas que recebeu, e ela achava que eles eram a família ideal. Tinham posto uma pedra no meio do rio para que ela o pudesse atravessar.

§

Quando entrou em casa, sentiu que o silêncio lhe pesava mais do que o costume. Teresa estava preocupada por se ter inscrito no curso de pintura,

como se agora sentisse medo de falhar de alguma maneira.

Pousou as chaves no móvel da entrada e encarou o espelho que estava por cima dele. As olheiras marcavam-lhe profundamente a cara, com contornos roxos, e estava toda despenteada. Enfiou os dedos no cabelo, puxando-o para trás e para cima. Que poderia ver o Jorge nela? Sentia-se cansada, e aquele ar encovado irritava-a.

Meteu-se na banheira decidida a estar muito tempo debaixo da água morna, como se quisesse amolecer também o facto de estar ansiosa e triste. Sim, agora percebia que também se sentia muito triste.

Sem dúvida, a conversa com a Judite tinha piorado o seu estado de espírito. A discussão e o afastamento do Jorge haviam-na abalado bastante, mas tinha um fio de esperança, achava que tudo iria voltar ao normal. Mas aquele casal, a Judite e o Luís, correspondia para ela a um par exemplar, um ponto de referência. Ao sentir que se desmoronava aquela fortaleza, perdia também um pouco o norte, deixava de ter um exemplo vivo do que queria alcançar.

Irritou-se consigo mesma por estar a pensar que era ela que sofria por perder aquela imagem e não por ter imensa pena da amiga. Claro que tinha, estava fora de questão. Mas não queria acreditar que tudo aquilo estivesse a acontecer. Só conseguia sentir que o seu mundo ruía, que tudo à volta dela se desmembrava. Apenas tinha um pequeno ponto de felicidade – o Pedro.

Quando começou a secar o cabelo, devagar, gozando o sossego da noite e a falta da pressa que lhe arruinava os dias, reviu a cena da inscrição. Entrara na recepção puxada por Judite, quase de roldão. A senhora perguntou os dados pessoais, e quem respondeu foi a amiga, de tal maneira, que, quando chegou à fase do pagamento, a senhora perguntou a Judite se era ela que ia pagar. Nessa altura, desmancharam-se as duas a rir. Agora estava receosa por se ter inscrito. Mas queria tanto ir...

Deitou-se tarde, com o corpo moído. Demorou muito tempo a adormecer, como sempre lhe acontecia quando alguma coisa saía da normalidade e da rotina. Quando finalmente o sono chegou, não veio sozinho...

Teresa sentiu-se rodeada pela brisa suave do descampado. Conseguia tocar com as mãos na cadeira onde estava sentada. Abriu os olhos devagar para reencontrar a pedra à sua frente. Pareceu-lhe bem maior do que da última vez, e mais rosada do que cinzenta.

– Estou tão cansada. Deixa-me dormir, por favor.

– Dormirás o que precisas. Mas temos de falar.

– Falar de quê? Quando eu te quero fazer perguntas, tu desapareces, ou não é? Não percebo porque me trazes para aqui...

– Isso já te disse, tu é que te encaminhas para cá. Não estejas zangada comigo. Disto, pelo menos, não tenho culpa. Gostava que me dissesses porque receias tanto o curso.

– Imagina que o professor, que eu admiro imenso, me diz que o que eu pinto não presta, que, para ficar escondido em casa, está bom; para expor, não.

– Pensa então ao contrário. Se, daqui a uns anos, tu chegas à conclusão de que o que fizeste às escondidas de todos era de facto importante, e que não partilhaste isso com ninguém.

– Pareces o meu pai... Ele disse sempre que era uma atitude egoísta não dar aos outros o que se tem para dar. Mas eu não sei se tenho alguma coisa para dar, alguma coisa que valha a pena.

– Pintas com entusiasmo, com sinceridade, isso sente-se.

– Sei lá! Se o meu pai fosse vivo, podia pedir-lhe conselho... Tenho tantas saudades. Não podes imaginar a falta que ele me faz.

A pedra deixou que ela recordasse. Não falou enquanto os soluços a sacudiram, mas, quando Teresa sossegou, voltou a falar com voz meiga.

– Podes sempre seguir o conselho que achas que ele te daria, não deve andar muito longe da verdade.

– Já quando foi para escolher o curso tive este dilema. Acabei por me afastar da arquitectura por estar tão próxima da pintura. Fui para engenharia. Também gostava muito, não nego. Mas adiei o problema. Como cada vez tinha mais projectos, mais trabalhos, depois este emprego, a pintura ficou quase abandonada. O que diria a minha avó se me visse

agora? Foi ela que me deu o primeiro cavalete, queria muito que eu me dedicasse à pintura. Ela desenhava maravilhosamente. Agora vou voltar a enfrentar o problema. Tenho receio de não prestar para nada. Mas ainda tenho mais receio de me dar muito bem, de voltar a sentir aquela paixão a pintar e de me frustrar ainda mais por não ter tempo. Caí numa armadilha que eu mesma montei. – Teresa estava confusa. – Não queria ter de viver na incerteza, não queria ter de decidir...

– Mas não é só isso que precisa de ser mudado na tua vida – disse-lhe a pedra, com um tom um pouco autoritário.

– Não?

– Claro que não, e tu sabes isso muito bem. É um passo importante, mas não deixa de ser só um passo...

O despertador tocou. Teresa acordou estremunhada, o corpo doía-lhe ainda mais. Pensou que devia ter estado toda a noite com aquele sonho, em tensão. Fez um grande esforço para se levantar, como se toda ela se recusasse a encarar mais um dia. A mágoa deixava-a vazia, a ansiedade tirava-lhe forças. Só depois de muito batalhar Teresa conseguiu começar a sua rotina matinal.

§

Sentiu a chave a rodar na fechadura e saltou da cama no mesmo instante. Correu até à porta e só nessa altura se apercebeu de que tinha assustado o pai, que chegava cansado, a antecipar o prazer de um bom sono. Depois de ouvir os resmungos habituais de que não eram horas de estar acordada, que «de manhã é que vão ser elas, se querias dizer alguma coisa, esperavas por amanhã», Teresa investiu convicta.

– É muito importante o que eu quero falar. Não dá para ficar toda a noite sem falar contigo.

O pai resignou-se, entrou na sala, despiu o sobretudo e sentou-se no sofá, esperando que a filha o imitasse.

Mas Teresa estava demasiado excitada para ficar sentada e optou por andar de um lado para o outro, enrolando e desenrolando a camisa de dormir nos dedos e falando atabalhoadamente.

– Tivemos uma conversa no liceu sobre profissões.

– Sim...

– E falou-se muito acerca do que é que as pessoas queriam fazer, que cursos queriam tirar, essas coisas. Mas eu fiquei muito atrapalhada.

– Porquê?

– Porque não podia dizer o que penso.

– Ora essa, porquê?

– Vou dizer que queria passar a vida a pintar? Iam todos achar que eu não quero trabalhar. Ninguém, ninguém, pai, disse nada de parecido com isso.

– Nem a Leninha, aquela que estuda piano?

– Nem ela! Disse que queria ser médica e, quando eu lhe perguntei do piano, ficou toda admirada e disse que era só uma diversão.

– E tu?

– Não disse mais nada, respondi-lhes que gostava de arquitectura e engenharia, falei do resto... Não dava!

– Parece que tens vergonha de pintar, Teresa. Passas tantas horas em frente das telas e achas que o que fazes não é importante?

– É, para mim...

– E para os outros? Olha que ter um talento e não o partilhar com os outros é bem pior que não trabalhar. Isso é parecido com mentir.

Teresa mostrou-se chocada com a expressão. Mentir? Ela não mentia, pelo menos quando eram coisas importantes. Porquê aquele comentário?

O pai puxou-a para perto de si e falou-lhe calmamente:

– Se tu me disseres que tens receio de não conseguir ter dinheiro suficiente porque só pintas, isso, eu aceito. Se me disseres que, quando chegar a altura de escolher uma profissão, isso implica que vais deixar de pintar, digo-te já que vais fazer um enorme disparate. Podes ter sempre um bocado do teu tempo para o que gostas, não precisas de abdicar da pintura. Agora se me disseres que tens vergonha de dizer que gostas de pintar, que

achas que os outros pensam que isso não vale nada, se tu própria pões essa hipótese, aí zango-me mesmo. Digo-te que é quase uma forma de egoísmo, isso de guardares a pintura só para ti, escondendo-a dos outros. Ou tens medo de que não gostem? É tão subjectivo. Uma coisa pode ter um valor reconhecido por muitos, e algumas pessoas continuam a não gostar, não é?

Teresa ficou pensativa. O pai não parecia muito interessado em continuar a conversar, pois ia deixando que as pálpebras se fechassem de tempos a tempos. Foram-se deitar, mas ela ficou em frente do último quadro ainda uns minutos. Mentir? Egoísmo? Não partilhar aquilo que se faz? Mas ninguém precisava das suas pinturas, quase ninguém sabia sequer que elas existiam. Porque é que para o pai era tão importante que ela nunca deixasse de pintar? E porque é que para os outros colegas não fazia sentido perder tempo com coisas dessas?

III

– Peço-lhe imensa desculpa, Pedro! Deve estar aqui há mais de meia hora.

– Não, acredite que cheguei só há dez minutos. Acabei por me atrasar a ver uns livros ali na livraria. Quando percebi que a Teresa ainda não estava, senti um grande alívio.

– Ainda bem! Vou sentar-me um bocado. Tivemos de acabar uma proposta para amanhã. É sempre uma correria. Nunca nada é feito com calma. Estou tão saturada!

– Passa aqui os dias inteiros?

Pedro não escondia uma certa aversão pela ideia de estar um dia inteirinho num gabinete.

– Ontem, por exemplo, escapei-me de manhã. Mas, normalmente, sim.

– Como é que aguenta?

– Mal, como vê – riu-se Teresa. – Quando chego a casa nem me apetece fazer nada do que gosto.

– E que é... ?

– Ora...

– Ó Teresa, de certeza que se interessa por mais qualquer coisa, conte lá. Não pense que me engana.

Teresa hesitou. Tão pouca gente sabia.

– Pinto – disse baixinho.

– Mas que fantástico! Porque é que diz isso assim a medo?

– Ora, porque acaba por ser uma prisão também. Gosto imenso e não tenho tempo. Se não gostasse, se calhar, sentia-me melhor.

– Não diga disparates! Está mesmo destrutiva! Se não tivesse outros interesses, morria estúpida, ou andava por aí pela rua feita um autómato, ou precisava de um psiquiatra...

– Que exagerado! E você? Estou sempre a falar de mim e de si não sei nada.

Pedro mostrou-se um pouco constrangido. Parecia ter sido apanhado na sua própria armadilha. Levantou-se, propôs ir até à Trindade comer um bife. Teresa resmungou: não estava certo ser só ela a falar! Pedro sorriu, com o olhar mais calmo.

– Eu acabo por contar, acredite. Mas agora não, pode ser?

Este mistério acabou por dar um tom engraçado àquele encontro. O bife foi acompanhado por descrições resumidas das preocupações de Teresa com a sua amiga Judite e por comentários divertidos de Pedro, a desdramatizar a situação. Falaram do trabalho e da saturação que Teresa sentia, e, por fim, Pedro quis saber mais:

– E a pintura. Diga lá.

– Gostava de me inscrever num curso. Quer dizer, inscrevi-me hoje. A Judite levou-me pela mão, mas não sei se vou.

– Se gosta...

– Mas veja, Pedro, é uma grande frustração não ter tempo.

– Arranja-se.

– Onde? – riu-se Teresa.

– Mude de emprego. Se calhar, não era mal pensado. Teresa ficou muda. Mudar de emprego? Estava a brincar, só podia ser.

– Não estou a brincar. Faça o curso, veja como lhe correm as coisas e pense melhor. Até podia mudar outras coisas, dar uma reviravolta na sua vida.

Ficaram calados por uns instantes. Teresa tentava perceber, nos olhos do Pedro, até onde ia a brincadeira. Mas ele estava sério, calmo, levando a cerveja aos lábios devagar. Acabou por ser ele a quebrar o silêncio, gozando com o tempo que tinham demorado a trazer a sobremesa. Continuaram a conversa, agora sobre outras coisas. No entanto, Teresa ficou sempre com os olhos presos nos dele, avaliando nem ela sabia bem o quê.

A noite passou a correr. Teresa viu as horas perto da meia-noite, e concluíram que deviam voltar para casa. Despediram-se com um «até à próxima» e uma promessa de que seria a Teresa a combinar o próximo encontro.

Quando chegou a casa, o gravador tinha apenas uma mensagem. Jorge voltara a ligar, pouco à vontade. Teresa irritou-se por se ter esquecido por completo de lhe telefonar. Paciência, ficaria para o dia seguinte. Esticou-se em cima da cama, vestida. Qualquer pessoa a quem contasse o que se estava a passar entre ela e o seu protector desconhecido teria dito que se estavam a apaixonar.

Conhecia-o mal, pensou, mas parecia que o conhecia havia muito tempo. Embora se tratassem de uma forma cerimoniosa, ela sentia-o tão próximo... Transmitia-lhe uma sensação fantástica de segurança e carinho. Ficou a pensar se não estaria realmente a ficar apaixonada por ele, se não se estaria a iludir. Não, não queria mais nada a não ser a sua atenção, a sua calma e a sua voz grave. Tinha encontrado um amigo fantástico. E o coração continuava a bater descompassado ao ouvir a voz do Jorge, como sempre. Não, não estava apaixonada por Pedro.

Lembrou-se de repente de que ele não tinha contado nada sobre si mesmo, escapara mais uma vez. Mas ela não iria desistir – voltaria a ligar, talvez dali a dois dias. Não se deixaria levar pela conversa, iria saber mais coisas. Achava graça ao mistério, mas queria desvendar os segredos daquela personagem. Sabia apenas que era professor de Matemática, que estava um pouco cansado das aulas, já percebera que gostava de ler e... mais nada.

§

A voz da avó chamava-a da sala. Teresa queria continuar a brincar no jardim, mexendo na terra, ficando com as mãos sujas e os joelhos húmidos. Mas a avó insistia, e ela não foi capaz de a deixar esperar mais tempo. Correu para dentro, entrou pela porta da cozinha, lavou rapidamente as mãos, apesar dos gritos da criada, que ficara horrorizada com o estado em que a criança irrompera pela casa, e correu pelo corredor fora. A avó esperava-a na sala com um grande embrulho sem graça de papel pardo e um sorriso muito alegre.

– Levaste tempo a vir...

- Estava a acabar a brincadeira. Isso o que é?
- Tens de abrir. É para ti.
- Mas eu não faço anos, avó.
- Há coisas que não têm nada que ver com os aniversários. Já vais ver como tenho razão.

Teresa pegou no grande embrulho com cuidado, sem o querer estragar, mas ansiosa por desmanchá-lo. Procurou as juntas de fita-cola e começou a separá-las devagar. Sentia os olhos da avó cravados na sua expressão, à espera, desejosos de ver o primeiro sinal de alegria. Ao soltar a fita-cola que fechava a toda a altura o embrulho, Teresa abriu-o devagar.

Algo lhe dizia que aquilo era uma espécie de ritual, de uma iniciação, que não podia ser precipitada. Quando se apercebeu do que estava dentro do embrulho, ficou sem respiração. Atirou-se para o colo da avó e abraçou-a, emocionada, ainda sem conseguir acreditar. Acabara de receber um cavalete, o seu primeiro cavalete de pintura. Mais do que isso: a avó tinha-lhe dado o seu primeiro cavalete.

- Então, então. Que tola!

Mas Teresa não conseguia esconder o entusiasmo e o nó na garganta. A avó passeava os dedos pelo cabelo da neta com calma, sorrindo. Sentia o corpo franzino da neta aninhado no seu. Beijou-lhe a testa. Estava tão contente por haver alguém que tivesse a mesma paixão que ela, que gostasse tanto de pintar como ela. Aquele momento pareceu-lhe único. Queria que a neta guardasse aquele dia no coração e nunca o esquecesse. E Teresa assim fez.

§

Logo que se levantou, o telefone tocou. Teresa praguejou. Detestava ter de falar ao telefone de manhã cedo, sobretudo ao fim-de-semana, mas, assim que reconheceu a voz de Judite, serenou.

- Temos de falar.
- O Luís já disse alguma coisa?

– Já.

– E então...

– É outra fulana. Eu tinha-te dito que só podia ser isso. Sinto-me muito mal.

– Vou já ter contigo. Só que ainda nem tomei banho.

– Fazemos ao contrário. Eu vou ter contigo, já estou pronta. Levamos os miúdos ao Alvito e conversamos. O tempo de eu chegar aí dá para te arranjares.

– Até já, então.

«Pobre Judite!», pensou.

Teresa arranjou-se com uma pressa igual à de um dia de trabalho. Ainda pegou no telefone para falar ao Jorge, mas eram onze da manhã de sábado, poderia estar a dormir. Mal acabou de arranjar o cabelo, a campainha tocou. Desceu.

Judite tinha os olhos inchados de quem não dormiu e chorou toda a noite. Os filhos não pareciam ter-se apercebido de nada. Eram muito pequeninos, pensou Teresa.

Chegadas ao Alvito, deixaram as crianças à vontade, e estas precipitaram-se para os escorregas. Sentaram-se num banco ao sol, a tentar iludir o frio de Inverno que já se sentia.

– Conta lá tudo.

– Foi ontem à noite. Quis falar. Disse que anda fascinado por uma colega, uma nova que entrou há pouco tempo. Sente-se muito confuso. Diz que ela nem desconfia. Está-se mesmo a ver...

– Por acaso acho que deves acreditar. Se o Luís diz que não lhe disse nada, é porque deve ser verdade. Aceito que estejas magoada, mas não tens razões para não acreditar no que ele te diz.

– Já te imaginaste? Dói...

– Acredito. Mas foi bom ele ter sido sincero e contar-te antes de falar com a tal rapariga.

– Vai dar ao mesmo.

– Não vai, não, Judite. Isso mostra que ele te respeita. Conhecemos imensa gente que descobre estas coisas por acaso, que só anos depois sabem que foram enganadas que tempos.

Judite não parecia muito aberta a concordar. O desgosto toldava-lhe o raciocínio. Teresa percebeu que não era naquela altura que iria conseguir fazê-la ver o lado menos mau da questão.

– E agora?

– Pedi para se afastar por uns dias. Foi em trabalho para Londres, por duas semanas. Diz que fica longe das duas, dos miúdos, que espera conseguir distanciar-se de tudo e pensar melhor.

– Esperemos que sim.

– Sinto-me tão mal!

Judite soluçava agarrada com toda a força à mala e às camisolas dos filhos. Teresa tentou abraçá-la, mas ela estava rígida naquela posição. As lágrimas sucediam-se num atropelo. Chorou durante muito tempo. Teresa foi resolvendo os pequenos problemas que surgiam com os miúdos, afastando-os da mãe. Quando Judite acalmou, já era tarde para almoçar. Propuseram aos miúdos umas pizzas e foram para casa.

Passaram o fim-de-semana juntas. Teresa assumiu as tarefas da rotina dos dois rapazes e tentou que Judite dormisse sossegada naquela noite. Quando já estava tudo mais calmo, pegou no telefone e ligou para Jorge.

– Sim?

– Jorge?

– Teresa! Liguei-te há dias.

– Tenho chegado muito tarde, desculpa.

– Não tem importância. Gostava de estar contigo, se tu não te importares.

– Não, claro que não me importo!...

– Hoje?

– Estou em casa da Judite. O Luís está... Quer dizer... Isto está mau.

– Já sei. Falei com ele.

– A Judite está desfeita.

– Coitados... Ele está confuso.

– Custa a acreditar...

– São fases, acho eu. Ele está muito abatido. Diz que nunca pensou que lhe pudesse acontecer uma coisa destas...

Teresa queria falar mais tempo, sabia-lhe bem ouvir a voz de Jorge, mas teve receio de que Judite acordasse.

– Vou ficar aqui no fim-de-semana. Podemos encontrar-nos na segunda.

– Posso ir ter ao escritório?

– Prefiro ir eu ter contigo.

– Fica combinado, então.

Despediram-se. Teresa sentia o coração aos saltos, as mãos transpiradas. Foi até ao quarto de Judite. Dormia, mas com uma expressão dorida. Apagou as luzes, deitou-se na sala. Que diria o Pedro daquela situação? Tentou imaginar como seria a sua reacção. Sentia-se tão reconfortada por saber que ele a aceitava sem exigir nada em troca, que a ouvia e a ajudava sem criticar. Seria possível receber isso tudo de Jorge? Seria possível que os dois viessem a conhecer-se sem estragar o que já existia? Adormeceu rapidamente, misturando os dois num sonho desordenado.

§

Estavam sentados na areia, já sem casacos nem camisolas, sentindo o sol a aquecer de mansinho. Naquele Inverno, Teresa ainda gostava de pensar que devia poder parar os dias naqueles momentos, para ficar a gozar aquela sensação de bem-estar. Queria que o tempo parasse, enquanto se encontrava abrigada nos braços de Jorge.

Encostado a um grande pedregulho, que parecia ter ficado ali de propósito para lhes proporcionar aquele sossego, Jorge permanecia calado. Teresa sentara-se com as costas de encontro ao peito dele, sentindo-lhe os braços bem apertados à volta dos ombros.

– Não apetece sair daqui – comentou.

– Pois não. Mas já não temos muito mais tempo de sol. Os dias ainda são pequenos. E eu não quero estar aqui quando começar a arrefecer.

Teresa estava com os olhos presos na espuma das ondas.

– Não gostavas de poder parar o tempo e ficar assim para sempre?

– Tu e as tuas ideias. Acabávamos fartos disto, não me parece nada uma boa opção... Podes é fazer um quadro onde ponhas esta sensação. Assim podemos olhar para ele e reviver este bocadinho.

Teresa ergueu-se e encarou-o. Não parecia muito contente com a alusão à pintura.

– Não ponhas essa cara de amuada, vá. Não estou a provocar, a sério que não.

– Mas estás a dizer-me que não tenho pintado grande coisa.

– Não tens pintado, ponto final.

Jorge continuava sereno, mas estava com um olhar mais triste.

– E ... ?

– E faz-me pena, tu sabes que me faz pena! Desculpa, não queria estragar o dia, não fiques assim ofendida.

– Custa-me tanto que me digas isso, Jorge. Porque é que insistes tanto?

Jorge levantou-se e começou a caminhar pela areia, arrastando o casaco e puxando Teresa pela mão. Acabou por a abraçar e caminharam os dois em silêncio durante um bom bocado.

Teresa sabia que, aos olhos dele, não fazia sentido que não pintasse. Mas não tinha tempo, o trabalho não a deixava descansar, nos dias livres queria estar com ele... Sentiu-se um pouco magoada, como se a culpassem de qualquer coisa que ela não fizera.

Jorge sabia perfeitamente o que se passava dentro da sua cabeça e fazia aquelas investidas de uma forma muito calculada. Irritava-o imenso que ela pusesse de lado coisas tão importantes como a pintura, sobretudo porque isso acarretava para ela sentimentos de culpa e frustrações que lhes minavam o dia-a-dia. Não era nada raro ir ter com ela ao emprego e encontrá-la zangada, fora de si, mas sem assumir a frustração.

Provocava estas pequenas discussões para a fazer voltar à realidade. A pintura era o assunto que mais facilmente se podia abordar. Jorge sentia-a a andar às cegas por um caminho que só a levaria à depressão, embora Teresa

achasse que estava bem. Não ultrapassara a morte do pai e muito menos o afastamento da mãe. Mas nesses pontos Jorge não tocava. A reacção seria muito mais violenta. Tinha uma leve esperança de que, através da pintura, o mundo dela se reconstruísse aos poucos e Teresa voltasse a ser feliz.

Já de regresso ao carro, Jorge resolveu quebrar o mau ambiente que tinha criado.

– Apetecia-me ir jantar fora. Talvez pudéssemos passar a noite em tua casa, ou tens muito que fazer para amanhã?

Teresa fez um sinal negativo com a cabeça. Jorge abraçou-a e encheu-a de carinho. Estava tão convencido de que insistindo a ia levar para o caminho certo, que estava disposto a esquecer a discussão e a aproveitar o resto do dia.

Jantaram num sítio sossegado, não muito longe da praia, e voltaram à cidade. Jorge ficou acordado até tarde, deixando-a dormir no seu peito, sentindo-lhe a respiração. Não sabia como sarar as feridas que Teresa se recusava a admitir que tinha. Apertou-a com força, como se assim a pudesse manter perto dele, mas sabia que a relação se degradava a cada dia.

§

A segunda-feira arrastou-se devagar. Por mais que Teresa tentasse que o tempo corresse depressa, sempre que olhava o relógio, via que tinham passado apenas escassos minutos. Até à hora do almoço, tudo se passou a uma velocidade exasperante.

Quando saiu para comer, encontrou uma cara risonha à sua espera. Era Pedro que passara ali por acaso. Teresa sobressaltou-se. Por acaso? Estaria ela a dar-lhe esperanças infundadas? Estaria ela a pensar que ele não queria nada e afinal não era assim? Ficou pouco à vontade. Aceitou almoçarem juntos, decidida a esclarecer o que se estava a passar.

– Não me parece lá muito bem-disposta, Teresa. Se calhar, não devia ter vindo.

– Não, fez bem. É que o dia de hoje está a passar muito devagar. Eu detesto esperar.

– Esperar por quê?

Pedro olhava-a com um ar de desafio. Parecia quase saber o que ela lhe queria dizer.

– Esta noite... Eu nunca lhe falei do Jorge, pois não?

– Namorado?

– Zangámo-nos há três semanas.

– Zanga definitiva, ou coisa passageira?

– Eu achei que tinha sido bastante grave, mas agora penso que talvez se componha. Ele telefonou-me ontem a perguntar se podíamos encontrar-nos.

– Então parece que não foi assim tão grave.

Teresa olhou-o bem nos olhos. Ela esperava vê-lo perturbado, mas a sua expressão continuava inalterada, incitando-a até a falar.

– Eu não sei se o Pedro está a pensar... Eu não queria dar-lhe uma ideia errada...

Pedro riu-se com gosto.

– Quer dizer-me que continua a gostar dele e que tem medo de que eu esteja a pensar em, como direi, avançar, não é? Por favor, Teresa, não se aflija. O que temos, nós os dois, está muito bem protegido contra essas investidas de paixões, não acha? Fico contente por si, acredite. Espero que volte tudo ao normal.

– Mas não fica magoado?

– Magoado com quê? Para mim, a Teresa é uma ótima amiga. Gosto imenso de estar consigo, de falar consigo, já faz parte da minha vida. Mas não estamos apaixonados um pelo outro, tenho a certeza.

– Está tão convicto...!

– Sei que não estou apaixonado, vejo que, para si, o Jorge continua a ser a sua paixão, é assim. As amizades entre pessoas de sexos opostos não têm de dar em namoros, ou têm?

– Não, claro que não. Que alívio! Pensei que ia ficar desiludido comigo e que íamos deixar de nos ver.

– Olhe só o desperdício!

Teresa acabou por narrar o motivo do desentendimento. Contou como Jorge se queixava por ela passar a vida absorvida pelo trabalho, por chegar aos encontros cansada e maldisposta, por estar sempre frustrada com o que fazia, embora não lutasse para mudar nada. Ela via agora que ele estava cheio de razão. Mas nunca tinha conseguido perceber isso durante as discussões. Sentia-se sempre vítima, sentia que queria fazer outras coisas e que não a deixavam, magoara-se imenso com as acusações.

– Ainda está a tempo de mudar. Acha que o Jorge lhe vai falar nessas discussões?

– Sei lá. Talvez queira só ver como é que eu estou. O problema é que eu ainda não me sinto com forças para lhe dar razão. Eu sei que ele a tem, mas custa-me dar-lhe esse avanço.

– Isso é orgulho... sabe disso – brincou Pedro.

– Eu sei. Ainda é pior.

– O tempo vai pondo tudo no sítio, vai ver que sim. Talvez ele lhe queira mostrar mais coisas do que as que a Teresa acha que vê.

– Como por exemplo...?

– Não sei, ele conhece-a bem, talvez tenha uma visão da sua vida diferente da que a Teresa tem. E acredite: o Jorge tem culpas de certeza, não se falha *a solo*...

– Se ele dissesse tudo...

– Talvez diga agora. Tem é de conseguir ouvir.

– Isso já é mais difícil.

– Pois é – disse Pedro a rir. – A parte mais difícil é sempre conseguir ouvir o que nos dizem, ou, melhor, entender o que nos dizem...

Teresa espiou-o durante todo o tempo que estiveram juntos. Que paz ela sentia quando estava com ele! Achou um pouco estranho não se apaixonar por uma pessoa que a fascinava tanto. Era como se se tratasse de um irmão, um amigo como nunca tinha tido e que agora lhe aparecia, caído do céu sem aviso, e se instalara na sua vida sem confusões nem aflições.

§

A tarde passou igualmente vagarosa. O trabalho pareceu-lhe especialmente chato, teve de repetir vezes sem conta as mesmas tarefas. Quando saiu, estava azeda, farta, mas lembrou-se das discussões. Não podia ir para o encontro com Jorge assim, estava fora de questão. Pegou no carro, foi até casa, tomou um banho rápido, lavando-se das arrelias do dia, e apareceu-lhe risonha e despreocupada.

Jorge abraçou-a longamente. Não disse nada enquanto a teve presa nos braços. Largou-a devagar.

– Estás com bom aspecto.

– Fiz por isso. Saí péssima do escritório... como tu bem sabes. Mas já aprendi umas coisas... Não te ia estragar a noite.

– Não vamos falar disso.

Foram até ao restaurante. Teresa contou o que sabia sobre Judite e Luís, tentando dividir com ele as preocupações. Eram amigos do casal, e seria de prever que Jorge também estivesse preocupado com aquela crise.

– O Luís falou-me antes de se ir embora. Está mesmo muito baralhado. Diz que ela o fascina, foi assim que descreveu o que sente por ela. Diz que é uma mulher inteligente, bem-disposta, descomplicada. Mas não avançou, quer dizer, a outra não deve sequer desconfiar.

– Eu disse à Judite que isso me parecia bom sinal, mas ela não acredita que seja verdade. Até já deve ter indagado se ela não foi também na tal viagem.

– De certeza... Deve ter telefonado logo de manhã a perguntar por ela. Mas é verdade, o Luís foi sozinho, ofereceu-se para substituir um colega que não queria ir. E os miúdos?

– Não se aperceberam do que se está a passar. Dizem que o pai foi a Londres e que já volta. Eles não discutem em frente deles, tu sabes como eles são. E os miúdos são muito pequeninos.

– Mas a Judite está desfeita, não?

– Chora imenso, sente-se perdida. Tem de esperar, e isso é difícil.

– Pois é.

– Tenho-lhe feito companhia, mas não chega. Ela não consegue parar de pensar nisto, os dias parecem-lhe horríveis, não aguenta a ideia de se separarem.

Jorge baixou os olhos, brincando com os talheres. Falou baixo, desviando o curso da conversa.

– E tu?

Teresa sentiu-se apanhada de surpresa. Que iria dizer?

– Cá estou. A pensar muito...

– Ainda estás magoada comigo, não estás?

– Já não tanto. Se calhar, tens alguma razão. Dá-me tempo. Assumir que tens esse bocadinho de razão é, para mim, muito complicado.

– Dou-te o tempo que tu quiseres. Não queria era deixar de te ver. Eu também tenho pensado muito, Teresa. Enfim...

Jorge calou-se. Teresa pensou se devia dizer do curso, mas não foi capaz. Não queria que ele achasse que era por sua causa. Falar da sua amizade com Pedro parecia-lhe também perigoso.

O silêncio de ambos abriu um fosso na conversa. Jorge não sabia que outro rumo dar àquele encontro, e Teresa não queria falar muito mais, sentindo-se ainda confusa e sem argumentos para discutir fosse o que fosse. Mostrou-se um pouco cansada, e Jorge aproveitou a deixa com uma expressão de alívio que não conseguiu disfarçar. Despediram-se com um abraço forte e longo, sem promessas.

IV

Quarta-feira. Começava nesse dia o curso de pintura, ao fim da tarde. Quando Teresa saiu do escritório e começou a vacilar sobre se devia ir ou não, viu Pedro. Estava ali, encostado ao carro, e lia um livro. Esperava por ela! Quando a viu chegar, sorriu-lhe.

– É hoje, não é?

– Eu tinha-lhe dito?

– Acho que sim. Mas não é hoje?

– É. Não sei se vá.

– Era só o que faltava. Vai e vai mesmo, nem que tenha de a levar pela mão.

– Pedro, imagine que corre mal...

– Imagine que corre bem...

– Não sei se não será pior. Vou ficar dividida...

– Olhe, Teresa, isto é só um passo. Mas é um passo na direcção certa, isso é que conta. Quaisquer que sejam as consequências, é importante passar por isto.

Teresa ainda tentou alguns argumentos, mas eram fracos, e acabou por se deixar acompanhar.

Pedro olhava-a de soslaio, enquanto ela guiava até ao local do curso. Percebeu que a expressão de medo não desaparecia e pôs-se a falar para a descontrair.

– Quem é esse tal professor?

– É um homem fantástico que eu conheci ainda no liceu. Foi lá uma vez mostrar-nos uns quadros, falar sobre a sua vida e a sua obra, sabe, daquelas coisas que se fazem nas escolas e que marcam imenso os alunos.

– Então, ficou logo entusiasmada quando leu o programa do curso...

– Pois foi. Mas já sabia do curso há mais de dois meses e só na véspera me inscrevi...

– E porque a Judite interveio...

– Exactamente. Tenho bons amigos, eu.

– Parece que sim – disse Pedro, sem a olhar, mas sorrindo.

Quando chegaram, Teresa estacionou já com mais convicção, tirou do porta-bagagens todo o material que precisava e ficou parada em frente à associação. Como uma criança, voltou a vacilar.

– Se quer tanto continuar a pintar...

– Eu não sei bem se quero.

– Ora, quer, sim. Não devia estar a pensar em ir ou não ir. Já está inscrita, vai. Não é preciso empurrá-la lá para dentro, pois não? – perguntou Pedro.

Teresa acenou com a cabeça, finalmente decidida a entrar.

Despediram-se, combinando falar depois, por telefone, mas Pedro ficou ali ainda algum tempo, certificando-se de que ela não voltava atrás, o que realmente não fez.

O tempo da primeira sessão voou. Ela sentia-se maravilhada com tudo. Começaram logo naquele dia um trabalho, e o professor gostou imenso do pouco que ela fez. Voltou para casa feliz, com imensos projectos de novos quadros. Não tirou sequer o casaco. Ligou logo a Pedro para lhe contar. Sentia-se a rebentar de contentamento. Agradeceu-lhe o apoio no momento certo.

– Eu não fiz nada de especial, ou seja, nada que a Teresa não tivesse feito por mim, ou não é assim?

– É, mas estou um pouco envergonhada, portei-me como uma criança de seis anos.

– Não, engana-se. De quatro. – Pedro riu-se. – Não tem importância. O professor reconheceu-a?

– Não, claro que não. Falei-lhe da sessão no liceu, e ele tinha uma vaga ideia de lá ter ido. Diz que já foi a imensas escolas e que se baralha um pouco. Mas é uma pessoa fantástica!

– Trabalharam muito?

– Um pouco, primeiro foi a explicação do curso. Mas venho cheia de vontade de fazer experiências.

– Ótimo! Quando é que a volto a ver?

– Um dia qualquer. O Pedro já sabe melhor da minha vida do que eu mesma.

Teresa acabou de dizer a frase e apercebeu-se de que estava a falar verdade, que realmente aquela personagem, que tinha aparecido num dia de desalento, estava sempre presente no momento exacto. E mais – não fazia cerimónia em aparecer.

Assim que pousou o telefone, este voltou a tocar. Era Judite. Já tinha deitado os filhos, mas sentia-se muito sozinha. Estiveram a conversar mais de uma hora. Teresa tentava que ela percebesse que Luís agira de uma forma justa e sincera, mas Judite estava afogada em sofrimento. Luís tinha telefonado, falara com os filhos, mas quase não lhe dissera nada.

– Não é ao quinto dia de estar longe da situação que ele vai explicar alguma coisa.

– Só disse que ia ficar mais tempo por lá. Que era melhor assim. Quer dizer que ainda vou ter de esperar mais.

– Ouve, Judite, é realmente melhor assim. Custa, mas ele precisa de ver as coisas a uma certa distância, de ponderar o que sente. Eu acho que só tens a lucrar com isto. Vocês sempre foram um casal exemplar, sem nada a apontar. Têm muito em comum, vais ver que acaba tudo em bem.

Teresa tinha o coração apertado. Esperava sinceramente que fosse verdade o que dizia. Sentiu-se mal por lhe estar a dar esperanças, mas que mais podia fazer? Judite assoava-se com força, a voz embargada.

– E tu? Nem te perguntei pelo curso.

– Correu tão bem! Estou satisfeitíssima!

– Vês? E tu que não querias ir.

– O professor gostou imenso do que eu fiz.

– Boa! E o Jorge? Tens sabido dele?

– Estivemos juntos na segunda. Parece querer aproximar-se.

– O que é que disseste?

– Que me desse tempo. Ainda estou magoada.

– Eu bem te disse que era coisa passageira. Era bom que comigo também fosse...

- Vais ver que sim.
- Ele quer ver-te mais vezes?
- Diz que sim. Eu também quero imenso que ele apareça, mas preciso de me distanciar daquelas discussões todas. Não consigo lembrar-me da última sem me sentir enojada, de tão cínica que fui!
- Exagero teu.
- Não é, não. Mas agora só preciso de tempo.
- Já estás como o Luís... – queixou-se Judite. – «Se calhar, vai fazer-nos bem...»
- És tão fiteira, Judite... Mas às vezes é preciso deixar passar algum tempo, acredita.
- E os outros que esperem – gemeu a amiga.
- Pois, isso é que já é pior.

§

Depois de uma semana cheia de trabalho, dividida entre o escritório e o curso de pintura, Teresa chegou ao fim-de-semana extenuada, mas bastante satisfeita. Tinha combinado ir passar o dia a Sintra com Pedro. Ia-lhe contando os avanços no curso, muito entusiasmada, enquanto subiam a pé para o Castelo dos Mouros. Apesar de estar cansada, caminhava com passos largos, falando sem parar. Chegados ao castelo, instalaram-se a ver a vista.

– Quando se vê assim uma coisa tão bonita como isto, parece que tudo na vida é fácil – disse Teresa, olhando à sua volta.

– Mas nem tudo é, de facto. Há muita coisa difícil, decisões, desgostos, nem sempre lhes conseguimos escapar.

– Estou a estranhar a sua maneira de falar, Pedro. Costuma ser sempre muito mais optimista do que isso.

– Optimista? Mas quem é que disse que não sou?! Só estou a pensar alto. Realmente, daqui, com este vento fresco e esta vista, parece que somos invencíveis. Mas se estivéssemos com um grande desgosto, seria doloroso suportar esta beleza.

Teresa perdeu aos poucos o sorriso que trazia desde Lisboa. Esperou que ele terminasse o raciocínio, pois era óbvio que queria dizer alguma coisa.

– Já pensou? Se tivesse vindo aqui há um mês, depois das discussões com o Jorge, não teria sentido isto. Chega a ferir, esta imagem que nos parece agora fantástica. Ou quando perdemos alguém... Nessas alturas, nada disto parece ter sentido...

– O Pedro está a lembrar-se de alguém que perdeu? Porquê esta tristeza, assim de repente?

Pedro olhou para ela, sorriu com aquela expressão calma de sempre. Parecia recuperar a boa disposição.

– Não é nada.... Mas a Teresa já sofreu separações, ou estou enganado?

– Já.

Os olhos dela ficaram subitamente repletos de água. Olhou para Pedro e sentiu que lhe queria contar tudo, tudo o que lhe doía. Pedro parecia esperar que começasse, parecia querer que começasse.

– Quando o meu pai morreu, eu tinha vinte anos. O Pedro não calcula o que me custou.

– Tinham uma relação muito próxima?

– Ótima. Mas nunca pensei que pudesse ver-me privada dele. Nem eu nem a minha mãe...

– O que se passou com ela?

– Olhe, Pedro, foi demasiado triste para lhe contar. Eu tentei ajudá-la, mas não consegui fazer quase nada.

– A Teresa também estava a sofrer, é natural que não a conseguisse ajudar convenientemente. Mas o mais provável é que tenha apoiado mais do que pensa.

– Ela teve uma depressão tão grave, que por pouco não punha um ponto final na vida.

– E a Teresa estava lá...

– Estaria? Às vezes tenho dúvidas... E depois ela foi-se embora para casa de um dos meus irmãos, em Londres. Só de vez em quando a vejo.

– Isso custa-lhe?

– Passaram-se tantos anos e continuo a sentir-me abandonada, como se tivessem morrido os dois. Não é estúpido?

As lágrimas correram suavemente pela cara de Teresa. Pedro limpou-lhas com carinho, abraçou-a e deixou-a chorar.

– Morreu o meu pai, já não tinha a minha avó, e depois ela foi-se embora. Jorge não comentou.

– Acredite que às vezes me deixo absorver pelo trabalho para não pensar muito. Tenho um amor tão forte pelo Jorge, mas dói-me tanto o passado! Não consigo sarar as feridas. Sabe o que é andar sempre com o passado atrás, como uma sombra? Acho que nem chego a aproveitar bem o que o Jorge tem para me dar. Ou o que a vida tem para me dar. Parece que entra tudo em curto-circuito! Sinto-me tão cansada disto tudo.

– É natural.

– Mas estou farta! Só que, sempre que dou um passo, volta tudo atrás. Já lá vão muitos anos, não faz sentido sentir-me ainda assim.

– Tinha que idade, quando a sua avó morreu? Teresa deixou-se ficar encostada a ele.

– Doze anos. Gostava imenso dela. Imagine que foi ela que me deu o meu primeiro cavalete.

– A Teresa já pintava nessa altura?!

– Sim, muito impulsionada por esta minha avó. É engraçado. Se ela me visse hoje, ficava contente. – Teresa endireitou-se e limpou os olhos com as costas da mão. – Estou tão feliz por estar no curso.

– E o que vai fazer depois? Já pensou nisso?

– Oh, Pedro, o curso não vai mudar nada.

– Não vai? Eu acho que já mudou um pouco. Não pensa encarar a pintura mais a sério?

– Já no outro dia me falou disso. Não sei aonde quer chegar.

– Sabe, mas não quer pensar muito nisso, não se iluda. Falei-lhe na mudança de emprego, lembra-se?

– Lembro. Fiquei muito chocada com essa ideia. Como é que eu posso mudar de emprego? Tenho de ganhar dinheiro para me sustentar, ali ganho

muito bem...

– Não mude de emprego, então. Mude para um *part-time*, ou qualquer coisa do género.

– *Part-time*?! Ganhava metade do que ganho!

– E era duas vezes mais feliz! Será assim tão importante o que ganha?

– Se quero pensar em ter uma vida de jeito... Enfim, não sou uma gastadora, mas não me sobra muito.

– Pode escolher uma solução menos drástica. Pense nisso.

Pedro achava possível uma redução de horário, sem perda de autonomia financeira, parecia saber mais do assunto do que a própria Teresa. Por muito que quisesse argumentar, Teresa começava a acreditar que o que ele lhe estava a dizer fazia algum sentido, que era extraordinariamente aliciante e ousado, mas possível. Pensou que, se Jorge os estivesse a ouvir, estaria feliz por ver mais alguém a fazer força no sentido que ele queria. Mas era tão mais simples ouvir Pedro do que Jorge! Não se sentia posta em causa, não tentava tirar segundos sentidos do que era dito. Era impressionante constatar como se dificultam as conversas sem necessidade.

§

Quando Teresa chegou a casa, a ideia não lhe saía da cabeça. Pegou num papel e num lápis. Começou a fazer contas ao que gastava por mês, de quanto precisaria de ter sempre assegurado. Fez um levantamento de extractos de banco e facturas. Ficou espantada. Não era impossível, teria apenas de definir prioridades. Mordeu o lápis, imaginando as horas que podia passar a pintar.

Foi até ao escritório e acendeu a luz. No cavalete estava uma tela por acabar, que queria levar para o professor ver na semana seguinte. Começou a juntar as cores. Tinha uma ideia muito precisa na sua cabeça. Meia hora depois, estava completamente envolvida no quadro. Pintou toda a noite, parando apenas para aquecer café e trincar umas bolachas. Quando viu o dia começar, sentia-se cansada, mas muito satisfeita. O quadro estava quase

pronto. Teria de agora esperar um pouco, distanciar-se dele por um dia ou dois, mas tinha uma certeza – iria acabá-lo a tempo da aula de quarta-feira.

Deitou-se vestida em cima da cama já depois das oito da manhã. Pensara tomar um banho e ir ter com a Judite, mas não resistiu a descansar um pouco. O sono veio de repente, e adormeceu. As imagens de Sintra e do quadro confundiam-se no sonho. Ela andava devagar, vendo as imagens desfilar diante dos seus olhos. Acabou por se encontrar no descampado, sentada numa cadeira, falando com uma pedra redonda, cinzenta, a mesma pedra.

– Desta vez não ficaste zangada por vir aqui.

– Não. Estou muito contente. Tenho um quadro quase pronto, vou mostrá-lo ao professor na próxima aula. Ele pediu para levarmos qualquer coisa que tivéssemos feito recentemente, e andava amargurada, com medo de não conseguir acabar este. Já não pinto há tanto tempo, que achei que não ia ter nada para mostrar. Agora já tenho.

– A nossa conversa, a do outro dia, ficou por acabar. Queria que me falasses do teu emprego. Que vais fazer?

– Não sei. Essa pessoa de que te falei no outro dia quer convencer-me a reduzir o meu horário para poder pintar. Estive a pensar. Até nem era impossível, não era mal pensado.

– Quer convencer-te? – perguntou a pedra, surpreendida. – Essa pessoa não te está a convencer, tu é que te estás a convencer a ti própria. Mas era a solução para muita coisa, se calhar.

– Como assim, muita coisa?

– Nada do que fazemos na vida está isolado do resto, é só isso que quero dizer.

Teresa tinha a testa franzida.

– Porque é que eu consigo falar assim com o Pedro, ouvi-lo assim, e não consigo com o Jorge?

– Não é bem não consegues falar com o Jorge. Digamos antes que precisam ambos de tempo para conseguir entender os pontos de vista, os teus e os dele. Não é fácil...

– E porque é que eu não estou apaixonada pelo Pedro? Eu acho-o uma pessoa fantástica, adoro falar com ele, gosto de o ouvir. Hoje contei-lhe imenso acerca da minha vida. Chorei como uma criança nos braços dele. O que é que me está a acontecer?

– Não continuas a gostar do Jorge?

– Sim...

– Então?

– Mas o Pedro é tão especial, tão diferente dos outros...

Teresa ia perguntar mais coisas, mas acordou com o telefone. Levantou-se de repente, sentiu a cabeça a andar à roda e teve de se sentar antes de pegar no auscultador.

Era Jorge. Teresa sentiu que se lhe cortava a respiração, corando só de pensar no sonho e nas dúvidas. Apeteceu-lhe dizer que o queria ter ao pé dela, mas só conseguiu dizer um bom-dia ensonado. Ele estranhou a voz, mas mostrou-se satisfeito com a descrição da noite passada a pintar.

– Desculpa lá ter-te acordado assim. Pensei que podíamos ir dar uma volta, conversar um bocado.

Teresa viu-se tentada a aceitar, mas sabia que Judite precisava dela e que não a podia deixar sozinha.

– Pois é, tinha-me esquecido – disse Jorge. – Vai ter com ela, eu é que me devia ter lembrado disso. Fica para outro dia, então?

– Sim. Tenho mesmo pena de não ir ter contigo...

– Dá um beijo meu à Judite.

– Dou. Vemo-nos durante a semana?

– Sim.

Recomposta do despertar repentino, Teresa arranjou-se e saiu. A Judite já devia estar à espera dela.

§

Tinha-se sentado à frente do cavalete, apaziguador de mágoas e incertezas por excelência, incapaz de pintar, mas deixando que os olhos se

perdessem na imagem de cores suaves. Sentia que havia movimento na casa, ouviu vários passos a violarem aquele espaço, mas não se moveu. Devia estar ali havia muito tempo, pois quando sentiu a mão do pai pousar no seu ombro, reparou que já era noite cerrada.

Ao tentar agarrar naquela mão, o gesto foi interrompido pela dor nas costas, que se recusavam a sair da posição. Voltou-se a custo e abraçou-o pela cintura, escondeu a cara na camisola dele e ficou assim, a ouvi-lo respirar e a sentir as mãos dele nos seus cabelos.

Tinha nessa altura doze anos acabados de fazer, mas também tinha muita coragem. Estava ali a lutar contra o desgosto, a reviver todos os bocadinhos de que se conseguia lembrar, tentando não os perder. A voz do pai soou, atravessando a camisola num tom quente que a sossegou e fez voltar ao mundo real.

– Vais sentir sempre a falta dela. Mas também vais ter sempre o prazer de te poderes lembrar de alguém tão fantástico como era a tua avó. Nem toda a gente tem essa sorte.

Só depois desta frase é que Teresa conseguiu deixar sair a dor, presa dentro de si há tantas horas. Deixou-se ficar assim, agarrada com força à cintura do pai, ele de pé, ela sentada ao pé do cavalete, que lhes fazia companhia.

O pai estava cheio de razão. Mas a dor era difícil de suportar. E Teresa apenas adivinhou o que estaria a custar ao pai aquela morte.

– A memória fica, guarda-se e estima-se, ajuda-nos a repensar, a comparar, a vencer o sofrimento e a senti-lo sem medo.

Só muito tempo depois compreendeu o que o pai lhe dissera nesse dia, que tudo o que se vive tem um sentido, pode trazer algo de bom, mesmo de forma estranha, e não precisa de nos vencer. Só nos deve fortalecer. O grande problema era descobrir como isso se fazia...

V

– Teresa, pode chegar aqui fora por um bocadinho?

Teresa levantou-se, pousou o pincel, limpou as mãos ao trapo enxovalhado e seguiu o professor. O coração batia com tanta força, que teve medo de que o professor ouvisse. Chegados ao corredor, o professor começou a falar, num tom de voz velado.

– Aquele trabalho que me entregou ontem, eu tinha pensado, não sei se a Teresa concorda, mas eu gostava que tentasse entrar na exposição da associação. Não queria dizer isto diante dos outros para não ferir ninguém, mas trata-se, de facto, de um quadro excepcional. Os trabalhos devem ser entregues até amanhã. Serão seleccionados os melhores. Pode ser aceite. Que me diz?

– Estou sem fala. O professor sabe que isto é muito importante para mim. Fico mesmo contente por saber que gostou do quadro. Acha que tenho alguma hipótese?

– Sei que tem muitas hipóteses. Penso até que seria muito difícil não lho aceitarem. Vá entregar o quadro. Não precisa de me trazer mais nenhum. Trate disso agora. Não perde nada.

Teresa arrumou as suas coisas e saiu. Levou o quadro para casa, embalou-o com cuidado, pensou no nome que devia pôr. Teria de ser um pseudónimo, mas qual? Acabou por escolher Aida Moniz, metade da sua avó, metade do Pedro, que a acompanhara em tudo aquilo. Iriam ficar os dois muito orgulhosos dela, tinha a certeza. Sentia como se a avó ainda a pudesse ver, onde quer que estivesse, contente com os seus progressos. Ainda pensou telefonar a Pedro para lhe contar, mas já era tarde e saiu à pressa.

Teve alguma dificuldade em preencher os papéis de inscrição para a fase de selecção. As mãos tremiam-lhe. A senhora que recebeu o trabalho disse-lhe que os resultados seriam divulgados dali a quinze dias. Telefonariam para os pintores cujos quadros tivessem sido aceites. Desejou-lhe boa sorte.

Teresa agradeceu, com o rosto a queimar, e saiu para a rua. Pintora... Que estranho, ser tratada assim. Andou a pé durante mais de meia hora. Fora muito importante todo aquele dia. Mesmo que nada viesse a acontecer, que o trabalho não fosse escolhido, o que o professor lhe dissera chegava para a fazer sentir-se realizada.

Parou diante de uma cabina telefónica. Queria dizer tudo a alguém, ou a todos, não se decidia. Gostava de dizer à Judite, ao Pedro, ao Jorge. Acabou por telefonar a todos. Judite conseguiu fazer uma voz entusiasmada, que Teresa percebeu ser um esforço da sua parte. Continuava angustiada, mas não queria estragar o contentamento da amiga. Ligou para Pedro. Não o encontrou, mas deixou recado no gravador. Por fim, ligou para Jorge. Não lhe chegou a dizer nada, pediu-lhe só para o ver naquele momento, queria ir ter a casa dele.

Jorge escondia mal a sua estranheza. Não esperava que Teresa lhe aparecesse assim, em casa, como quem vem a rebentar para falar. Deu-lhe um beijo na testa e levou-a para a sala. Teresa desligou a televisão sem pedir licença e começou a falar sem ter quase tempo para respirar entre as frases.

Contou do curso, do professor, da exposição, da ideia de diminuir o horário, de passar mais tempo a pintar. Jorge não podia dizer uma palavra que fosse, o turbilhão era forte de mais. Limitou-se a ouvir, a sorrir, a reconhecer a pessoa que adorava, divertindo-se com o facto de ela estar completamente fora de si.

Por fim, Teresa parou de falar.

– Então? Não dizes nada?

– Tu não me deixas! Estou muito orgulhoso de ti, claro! Parece que compraste uma alma nova, talvez com pilhas a mais... – gracejou.

– Diz-me o que pensas, a sério. Achas muito errado eu pedir redução de horário? Achas que mo dão?

– Uma coisa é trabalhar porque é preciso, outra é trabalhar com gosto, outra é ser escravo, como tu és, ou eras. Claro que acho bem que te envolvas naquilo que gostas. Não acredito que te levantem problemas

quanto à redução de horário, devem regatear mas acabam por ceder, vais ver. Fico muito satisfeito por te ver assim entusiasmada. Já não te via assim há um tempo.

Teresa ficou a pensar.

– Mas eu não desgosto do meu trabalho. Farto-me é de estar sempre a fazer o mesmo, é mais isso.

– Sobretudo fartas-te de não conseguir fazer outras coisas. Isso sempre me pôs doente, o insistires em trabalhar horas a fio lá e deixares o resto de fora. Desculpa, não queria dizer isto assim.

– Deixa... Eu só agora é que estou a perceber... Custava-me estar a pensar que ia gastar tempo numa coisa que não sabia se os outros gostavam. Achei que era quase um luxo, isto de pintar. – Por fim, acrescentou: – Há quase oito meses que não pintava.

– Isso de os outros gostarem é uma treta! Tu tens de decidir por ti. Ou gostas de pintar, ou não. O que os outros acham não interessa.

Jorge parecia um pouco exaltado.

– Mas ajuda saber que alguém gosta... – balbuciou Teresa.

– Eu sempre gostei.

– Desculpa, não estava a pôr-te de parte.

– Eu sei. Eu percebo. Entende agora tu a minha raiva contra a escravatura dos últimos meses. Não era só o cansaço. Vinhas sempre tarde, sempre irritada. Ficaste cada vez mais azeda. Não era só não pintares. Parecia que carregavas uma tristeza constante. Porque não é só isto da pintura... Mas sempre achei que reencontrares a pintura te ia ajudar a reencontrares-te a ti mesma. Passámos fases tão esquisitas.... Estavas sempre ansiosa, como se precisasses de qualquer coisa. Eu não estou a dizer que não tive culpa. Também sei ser insuportável. E também não aprendi ainda a gerir bem a minha vida, é verdade. Mas não estava a ser fácil. Cheguei a pensar que andavas com outra pessoa.

– Credo!...

– Juro-te que pensei. Estou um bocadinho envergonhado por isso. Mas fui um chato, eu sei que fui. Nem tenho a certeza de merecer que me

desculpes.

– Ora, devemos estar quites.

Jorge hesitou ainda.

– Mas não houve mesmo ninguém, Teresa?

– A sério que não, podes estar descansado. Nem teria ficado a sustentar a situação se isso tivesse acontecido.

Lembrou-se de repente de Pedro. Não lhe tinha contado nada, talvez fosse agora o momento. Mas teve receio de que Jorge envolvesse Pedro naquela dúvida e calou-se. Jorge continuava pouco seguro.

– Quando te vi entrar hoje aqui, pensei que estava tudo bem outra vez.

– Está quase... Não sei se já te consigo ouvir sem me magoar.

– Desculpa se fui demasiado bruto contigo. Queria que voltasses a ser tu mesma.

– Mas não é só a pintura...

– Pois não. E também sei que não estás a tapar os problemas que tens com uma ocupação, acredita que não penso isso.

– Mas parece... Quer dizer, a mim parece-me um bocadinho...

– Não, Teresa. Eu acho é que através da pintura tu vais conseguir arrumar tudo o que está por aí fora do sítio.

– Mas estavas cansado de esperar...

– Pois estava. Não conseguia ver-te sempre amarga, irritada, sem vontade de fazer nada. Mesmo nada...

Teresa sentiu-se corar. Lembrava-se de várias situações penosas para os dois, de desinteresse e cansaço, de se desviar de carícias e de se esquivar a passar a noite com ele. Lembrou-se do dia em que foi ele que se começou a escusar, a mostrar-se cansado de insistir, e lembrou-se do pânico que isso lhe causara.

– Agora percebo o que querias dizer. Mas, na altura, não conseguia. Magoaste-me imenso. Parecia que eu, só eu, é que tinha a culpa, que não te ligava... Se calhar, era mesmo assim... Mas eu não vi.

– As coisas não são assim tão simples. Tivemos culpa os dois.

– A sério...?

§

Assim que pousou a pasta, sentiu que estava iminente mais um ataque de Antónia. Que seria desta vez? Já gemia interiormente a pensar no que iria sofrer por ter de a ouvir. Ainda fez uma tentativa para se dirigir à máquina do café, mas eis que a colega se atravessa no seu caminho, com um sorriso enorme, impedindo-a de chegar a salvo ao destino.

– Olá, Teresa. Se vais tomar um café, acompanho-te.

Nada a fazer. Ainda por cima, já tomara um antes mesmo de entrar no edifício, o que a iria pôr bastante eléctrica. Antónia não se preocupara sequer em ouvir a resposta dela. Já estava a tirar dois cafés e a oferecer-lhe um, sorrindo.

– Deves ter imensa coisa para nos contar...

– Eu? Porque é que pensas uma coisa dessas?

– Ora... – E Antónia ia mexendo o café devagar. – O Zé disse-nos que estavas a frequentar um curso de desenho.

– De pintura.

– Pois, isso. Não foi, Zé?

O desgraçado do colega já se arrastava na direcção das duas para salvar a situação. Via nos olhos de Teresa a irritação a crescer e não podia deixar de a socorrer.

– Não se te pode dizer nada, Antónia, irra! – Zé perdera a calma.

– Não é segredo nenhum, podias ter-me perguntado a mim o que era...

– Eu só acho esquisito que tu não digas a todos – queixou-se Antónia, com uma voz um pouco cínica.

– Não tenho esse costume.

– Mas até parece que queres esconder... Já quando foi do Jorge...

– Bolas, Antónia, estás a meter-te de mais. Deixa a rapariga em paz.

– Querias que viesse chorar no teu ombro? Que te contasse os pormenores mais desagradáveis? – provocou Teresa.

– Não... – Antónia já sentia que os dois juntos eram mais fortes do que ela. – Mas podíamos ter-te ajudado.

– Como, posso saber?

A voz de Teresa tinha saído tão agressiva, que Zé lhe fez sinal para se acalmar. Antónia não media as suas atitudes, exasperando Teresa quase todos os dias, mas a reacção de Teresa era descabida.

Veio um telefonema para Antónia, e ela teve de o ir atender. Teresa estava pasmada com a conversa. Zé propôs-lhe que fossem os dois para a sala dos projectos para tomarem o café em sossego. Assim que entrou na sala, Teresa apressou-se a deitar fora o líquido na primeira planta que lhe apareceu.

– Bolas! Ando sem paciência para ela!

– Desculpa lá ter dito do curso. Não pensei que...

– Não tem importância, não é segredo. Aliás, a única pessoa que não quero que saiba nada de nada é ela, e é só porque não a suporto.

– Como é que tem corrido?

– Tão bem, Zé, uma maravilha. O professor disse para eu tentar expor na exposição da associação.

– Era bem bom que conseguisses. Essa exposição é muito prestigiada, não é? E conhecida por lançar novos nomes...

– E tu? Não tens pintado nada?

– Estou a fazer umas ilustrações numa revista, coisa pouca. Mas dá-me imenso gozo.

– Pois... Dá outro sentido a tudo.

– Perco muitas horas de sono com estes desenhos, mas não me arrependo nem um bocadinho.

– A tua mulher não se chateia?

– Sabes como é, Teresa, ela diz que eu fico impossível de aturar quando não faço estas coisas, e deve ter razão. Ela também fica brava quando não tem tempo para ler os livros grossíssimos de que ela gosta.

Teresa ficou pensativa. O equilíbrio de cada um dependia das opções entre o *ter de* e o *gostar de*. Percebeu naquele momento o pouco que sabia da vida de Zé, o que não era justo, pois ele sempre fora um bom amigo ali dentro.

– E os gémeos?

– Bem, nem queiras saber como é. Fazem-nos a vida negra, a dobrar, várias vezes ao dia, mas são muito giros.

– Já estão com...

– Um ano e meio.

– E nada de irmãos?

– Cruzes! Ainda não recuperámos destes!

Riram-se com gosto, pois a cara de sofrimento que Zé fez foi muito elucidativa.

– Sem me querer meter como a Antónia, como é que estás com o Jorge?

– Na mesma... Não, estou a mentir, talvez um pouco mais próximos. Passámos por uma fase tão estúpida, nem calculas. Não nos apetecia estar um com o outro, parecia tudo um frete, não sei como é que estas coisas podem ir de um extremo ao outro. Não havia entusiasmo nenhum.

– Acontece a todos, Teresa.

– Tu já estiveste assim?

– Claro que já, deve ser uma fase obrigatória. E olha que não deve ser só uma vez, prepara-te. Mas, se gostamos a sério, isso passa, não é?

Teresa não respondeu, limitou-se a sorrir.

– Se não recomeçarmos, tenho sempre o ombro da Antónia...

Riram-se mais uma vez. Mas o sossego estava condenado a morrer naquele preciso momento. Antónia voltava à carga, entrando no gabinete como quem viola um santuário.

– Não estás aborrecida comigo, pois não, Teresa?

– Eu? Não.

– Mas diz-me lá o que é que estás a fazer.

Teresa suspirou e começou a descrever sem grande entusiasmo o curso, enquanto Zé se escapava silenciosamente. Antónia não parava de se deslumbrar com tudo o que ela dizia, mesmo que não tivesse motivos para tal, e o suplício durou ainda dez minutos. Quando regressaram à sala de trabalho, a cara de Teresa era de pré-esgotamento, como costumava dizer na brincadeira. Zé ainda passou por ela e atirou:

– Vê lá se queres dar uma voltinha de gémeos. Garanto-te que são menos chatos...

§

– Estive ontem com o Jorge.

– E...? – perguntou Judite, com um sorriso malicioso.

– E nada do que estás a pensar. Falámos muito. Mas fui para casa, para minha casa, se é isso que queres saber.

– Assim só? Mais nada, mesmo?

– Não, juro que não. Está quase. Mas nenhum de nós tomou a iniciativa, não parecia ser a altura certa.

– Nem um beijo...?!

– Isso não nego... Mas tu estavas a pensar mais do que isso.

– Ao fim de um mês, o que é que querias?!

– És insuportável, tu!

Teresa mudou deliberadamente de conversa. Nem a amiga imaginava a dificuldade que ela tinha tido em ir-se embora daquela casa.

– Que achas do que o professor de pintura disse? Daquilo para eu tentar ser seleccionada para a exposição da associação? Fez uns elogios ao quadro...! Fiquei tão corada!

– Vês, minha grande parva, e tu que estiveste vai-não-vai para não ir. Fico inchada por ser amiga de uma pessoa tão importante...

– Que parva, Judite! Às vezes tens cada uma...

Judite não pôde continuar os seus raciocínios porque Teresa já lhe virara as costas, entretida a fazer construções com os miúdos. Passados uns minutos, depois de montar uma enorme ponte de Lego, daquelas que se desmoronam à primeira investida, largou o local de construção e foi ter com a amiga à cozinha.

Ia decidida a contar-lhe o que se passava entre ela e Pedro. Achou que não estava a ser honesta ao esconder-lhe uma coisa tão importante. Mas Judite estava a picar a cebola para o arroz e tinha os olhos tão vermelhos,

que Teresa percebeu que não havia relação entre a agressividade da cebola e aquele estado. Pôs-lhe o braço sobre os ombros.

– Então... Conta tu agora.

– Nada, não sei de nada. Já lá vão dez dias, e ele não diz nada. Telefona, fala com os miúdos, não diz uma palavra sobre o assunto.

– Não tentaste perguntar mais a sério?

– Ele não dá hipótese. Esquiva-se.

– O que é que ele diz aos miúdos?

– Coisas sobre o tempo, acerca dos brinquedos que lhes vai trazer.

– E a ti, nada?

– Nada. Nem uma única frase.

– Também, por telefone, não dava. Tens de esperar.

– Mas eu não sei esperar...

– Para quando é o regresso?

– De hoje a uma semana, se não adiar mais tempo.

– Nesse dia, eu posso ficar com os miúdos para vocês estarem à vontade.

Diz-lhes que o pai chega só à noite, que tens de sair e que o trazes no regresso, inventa qualquer coisa.

Judite acenou com a cabeça. Estavam as duas com as cabeças unidas. Judite soluçava um pouco. As lágrimas escorriam pela cara para cima da tábua de madeira.

– Assim vais salgar o arroz – gracejou Teresa.

§

Teresa esteve calada toda a refeição, o que provocou nos pais uma reacção de estranheza, levando-os a trocar olhares de interrogação entre si. Teresa comia devagar, sem grande apetite, visivelmente preocupada com qualquer coisa que devia ser grave. Não participou nunca nas conversas animadas dos irmãos. Enquanto descascavam a fruta, a mãe resolveu sondar a filha.

– Estás com um ar tão triste, Teresa, passa-se alguma coisa?

Teresa levantou os olhos dos bocados de maçã esquecidos no prato e encarou os pais, ora um, ora outro, sem responder.

– Diz lá o que se passa, filha, a mãe perguntou-te – insistiu o pai.

A criança estava confusa, via-se que fazia esforço para organizar o que tinha a dizer. Por fim, acabou por perguntar.

– Quando vocês se separarem, com quem é que eu fico?

Os pais olharam um para o outro com uma expressão divertida. Que ideia aquela! Que se teria passado?

– Nenhum de nós está a pensar separar-se do outro, filha.

– Não? A Leninha diz que acontece a todos.

– A Leninha? Mas porquê?

– Diz que os pais dela se vão separar, que ela vai escolher ficar com a mãe porque é ela que lhe sabe dar os remédios e apertar os lençóis, e que a mim me vai acontecer o mesmo. Sou eu que tenho de escolher com quem fico?

O pai recostou-se na cadeira. Não havia dúvida de que a Leninha se iludira acerca da separação. Seria uma forma de sacudir a situação dos seus próprios ombros.

– A Leninha está um bocado enganada. Ela deve estar muito triste com o que lhe está a acontecer e disse-te isso sem pensar.

– Não foi, pai, ela disse a sério.

Teresa tinha oito anos, a amiga também. Lidar com aquelas situações não era fácil. A mãe resolveu ir por outro caminho.

– Lá muito no fundo, ela está tão triste com o que lhe aconteceu, que quer pensar que vai acontecer o mesmo a todos, que a ela foi a primeira, mas que depois todos os meninos vão sofrer o mesmo.

Teresa estava espantada com tudo aquilo. Já ficara muito apreensiva com a conversa da amiga de manhã, já passara uma tarde inteira a divagar sozinha, agora os pais diziam-lhe que não tinha de ser assim, que não se iam separar e que a amiga a estava a enganar.

– A Leninha não me diz mentiras...

– Não é bem mentir – explicou o pai. – É para não lhe custar tanto.

– Mas vocês não estão fartos um do outro?

A mãe agarrou o braço do pai pousado na mesa mesmo a seu lado, puxando-o para si. Só nessa altura os irmãos se descontraíram e riram um pouco.

– Nem penses nisso! Estamos muito bem assim. Teresa ficou a morder um bocado de maçã em silêncio, cruzando por vezes o olhar com o dos pais. Aos poucos, foi ficando mais serena. Os irmãos tinham recomeçado as conversas intermináveis sobre a escola.

Quando se deitou, agarrou a mãe com força e puxou-a para si.

– Ela está muito aflita, mãe.

– Deve estar, sim, tens de a ajudar.

– O que é que eu faço?

– Brinca com ela sem lhe falares no assunto, convida-a para vir para cá passar a tarde, distrai-a sempre que puderes.

– Mas ela vai chorar muito, não é?

– O que é que tu achas?

– Eu acho que deve ser horrível! Se isso acontecesse convosco...

A mãe deu-lhe um beijo na testa e afagou-a.

– Não te preocupes com isso, vá, descansa. Ficamos todos juntos...

E Teresa adormeceu, sentindo o equilíbrio e a tranquilidade do que conhecia, mas com algum remorso – não poderia partilhar nada daquilo com a amiga.

§

Pedro voltou a telefonar-lhe passado algum tempo. Combinaram ver-se à hora do almoço, pois o dia estava bonito, embora frio. Foram até ao rio. Sentaram-se na amurada, comendo vagarosamente umas sanduíches. A cor da água era tão azul, que parecia um dia de Verão.

Teresa mastigava exageradamente depressa durante uns segundos, para depois ficar muito tempo sem levar o pão à boca. Pedro observava-a, acabando por sorrir ao vê-la dar uma dentada violenta na sanduíche.

– Está um bocadinho nervosa, não está? A sanduíche até se encolhe!
Teresa riu, sem disfarçar que não tinha gostado de ser descoberta.

– Estou tão impaciente! Custa tanto esperar!

– Mas esperar o quê? Passou-se alguma coisa de especial?

Teresa olhou para ele com um ar escandalizado.

– Passou-se alguma coisa?! Desde aquele dia em que o conheci que não têm parado de me acontecer coisas! Comecei logo com aquela reunião desastrosa. Depois adormeci num banco e só não fui assaltada porque o Pedro estava lá. Sonhei com uma pedra que me dava imensos conselhos. Depois aconteceu aquilo à Judite. Entretanto começou o curso de pintura. Agora a exposição. Já para não falar da reaproximação do Jorge. Estou bastante desorientada!

Pedro não parava de sorrir, com um ar trocista. Teresa ainda esboçou um amuo, mas acabou por se rir também.

– Não me vai dizer que acha pouco...

– Eu acho fantástico! Está a viver uma época muito atribulada, mas não pode dizer que não seja incrível. Nunca lhe aconteceu tanta coisa ao mesmo tempo, pois não? Então, aproveite! Da exposição, ainda não sabe nada?

– Só para a semana, acho eu, ou no fim desta.

– Mas está preocupada com isso, já se viu. Muda muito, ou, melhor, muda alguma coisa se puder expor?

– Ora! Claro que muda! É diferente, é muito diferente! Isso quer dizer que outras pessoas, para além de mim, dos meus amigos e de um professor de pintura muito entusiasta, gostaram. É outra responsabilidade.

– Mas essa preocupação devia nascer em relação a si, ao que quer fazer, não ao que os outros pensam. Está a deixar nas mãos do júri um grande poder sobre si. Vamos pensar que não lhe seleccionam o quadro para a exposição. Vai ficar muito deprimida e nunca mais pinta?

– Não, acho que já não sou capaz. Tenho pintado imenso. Não, acho que não desanimava. Mas se conseguisse, bom, aí acho que ficava pelo menos histérica!

– Espero não estar por perto!

– Fora de brincadeiras, teria uma prova de que devo continuar, iria ficar muito contente.

– Não está a ser muito coerente, Teresa. Ou é importante a exposição, ou não.

– Pronto! Eu digo tudo! Se conseguir expor, peço imediatamente para passar a trabalhar em *part-time*, assumo que quero ter tempo para pintar.

Pedro não escondeu a sua irritação. Por momentos, Teresa reviu as discussões com Jorge, as fúrias por ela achar que o que fazia não era grande coisa, de deixar as decisões para outros que não nela.

– Mas que mal pensado! Um júri é uma lotaria! Pode haver outros interesses por detrás que não se saibam. Até podem ter uma ideia diferente da pintura, ter escolhido um tema para a exposição, qualquer coisa. Não, não pode ser! A Teresa tem de se capacitar de que, seja qual for a decisão, a opção é escolher uma solução que lhe permita fazer o que quer. Pense no curso. O que é que sente?

– É um prazer enorme! Fico horas a falar com o professor, ele faz críticas muito concretas, dá-me imenso apoio.

– Vê? O facto de lhe escolherem o quadro não vai mudar a opinião dele sobre as suas obras. Também não vai mudar a sua. Nem a do Jorge. Nem a da Judite. Podem ficar todos muito contentes por si, mas vão dizer-lhe, como já sabe, que todos eles sempre gostaram do seu trabalho.

Teresa não tirava os olhos da água. Metade da sanduíche ficara esquecida na mão. Acabou por a atirar para a água, onde as gaivotas se apressaram a recolhê-la.

– O Pedro acha que eu devia tomar a decisão antes de saber, é isso?

– Claro, porque não tem nada que ver com a exposição, tem que ver com a sua vida, a sua vida! Será que é assim tão difícil de perceber?!

– Está tão zangado...!

– O dinheiro não é um problema de maior, foi a Teresa que o disse. E isto só é possível agora, porque daqui a uns tempos já talvez não possa dizer o mesmo, com família e isso tudo. É preciso agarrar estes momentos. Não vale a pena chorar depois.

Sem se aperceber, Pedro já falava quase aos gritos.

– Parece o Jorge a falar. Discutimos imenso por causa disto. Ele sempre achou que eu devia encarar a pintura mais a sério. Eu achei que era um luxo. É difícil decidir assim que se quer fazer não sei o quê e largar tudo.

– Mas não se trata de largar tudo. – Pedro estava fora de si. – Pode continuar com a sua rotina e pintar, pode conciliar as duas coisas.

– Cada vez me parece mais que estou a ouvir o Jorge...

– E eu tenho cada vez mais simpatia por ele! E veja que não sou só eu a dizer-lhe a mesma coisa. Mas a decisão tem de ser sua. O Jorge pensa da mesma maneira. Eu acho que a Teresa também pensa assim, está só com medo de assumir isso. Como é que uma coisa tão óbvia não entra nessa cabeça?!

– Tenho medo de vos desiludir...

– Assim é que nos desilude! – gritou Pedro, esticando um dedo na direcção de Teresa e pondo-se de pé.

– Ora essa! Desiludo?

– Claro! Pode fazer bem uma coisa e não faz. Mais! Quer fazer bem uma coisa que lhe dá um sentido diferente à vida e não faz.

– Quem disse que eu fazia bem?

– Quem disse que não fazia?

Pedro não insistiu mais. Voltou a sentar-se, arrependido por ter gritado. Teresa parecia não ser capaz de digerir nem mais uma palavra. Voltaram para o escritório quase em silêncio. Pedro despediu-se dela sem tocar mais no assunto. Teresa parecia atordoada. Sentia-se presa sem saber a quê, impedida de avançar sem saber a razão. Uma ruga desenhava um enorme sulco na sua testa.

§

A semana passou sem atropelos de maior. Teresa ficava quase sempre mais tempo no curso para falar com o professor. Um dia, perguntou-lhe se achava que ela devia dedicar-se mais a sério à pintura, ao que ele respondeu

que era evidente que sim, que seria um desperdício não o fazer, quase chocado com a pergunta. De regresso a casa, Teresa pintava pela noite dentro, tentando acabar mais um quadro para substituir o que tinha levado para a associação, para que não faltasse o seu na exposição final do curso.

Grandes pedaços do serão eram igualmente absorvidos pelo telefone. Judite estava desesperada. Os dias que a separavam do regresso de Luís pareciam não acabar. Teresa tentava dar-lhe o máximo de apoio, mas era necessário esperar.

Numa das noites em que Teresa chegou a casa mais cedo, encontrou Jorge à sua espera no parque de estacionamento em frente ao prédio. Subiram os dois, pouco à vontade. Ele sentiu-a muito tensa, mas de uma forma positiva. Jorge quis ver o que ela estava a pintar e não escondeu a admiração – era, de todos, o quadro de que ele mais gostava, estava fora de questão. Teresa ficou muito feliz com o entusiasmo dele. Resolveu falar acerca do *part-time*. Queria dele uma opinião sincera.

– Eu não sei o que é que te prende, juro que não percebo. Se tivesses uma vida muito complicada, com outros compromissos, mas não. Acho que não deves hesitar mais. Se é isso que queres, avança!

– Mas, no futuro, quando tiver uma família...

Ficaram ambos aflitos com aquela frase. Teresa continuou.

– Talvez seja difícil manter isto assim...

– Mas entretanto já passaram uns anos em que fizeste o que querias, tentaste outras saídas para os quadros, podes até ter descoberto outro tipo de trabalho mais interessante. Nessa altura, pensas outra vez.

– Já tenho trinta anos, Jorge.

– E isso que tem?

– Se quero ter filhos, família...

O silêncio voltou de repente. Jorge acabou por se sentar ao estirador, coçando a testa de uma forma nervosa.

– O que é que adianta teres família, filhos, se estiveres sempre arrependida de não ter tentado isto?

– Mas já passou muito tempo. Fui muito estúpida, realmente.

– Não é tarde de mais para nada, nem sequer para a tal família em que estás a pensar.

– Contigo?...

Jorge ficou embaraçado. Não queria precipitar as coisas, embora estivesse cheio de vontade de a abraçar e de lhe pedir para ficar com ela naquele preciso momento. Mas tinha a noção de que devia forçar um pouco mais a situação para a ajudar a decidir-se, ou, melhor, a definir-se. E também ele estava num processo de mudança e precisava de o fazer por si mesmo.

Teresa ficou sem saber o que pensar por Jorge não lhe responder se a família seria com ele. Ele apressou-se a sossegá-la, apercebendo-se do seu olhar assustado.

– Eu acho sinceramente que esta fase má está a acabar, mas não quero precipitar-me. Dá-me agora tu um pouco mais de tempo.

Teresa olhou para a tela. Torcia a camisola, fazendo-a rodar por entre os dedos.

– Tenho medo de me arrepender...

– Se te arrependeres, do que eu sinceramente duvido, voltas ao que estavas.

– Posso já não ser aceite no escritório...

– Ora, Teresa, já lá trabalhas, não vais deixar de trabalhar. E se não houver trabalho para te dar, podes recorrer a outras coisas. Ficar sem emprego, não ficas. Mas não decidas porque eu acho que deves decidir. Por uma vez, decide por ti...

O resto da noite passou de repente. Estiveram sempre no limiar da reconciliação, ambos a desejar o outro, sem se atreverem a avançar. Jorge foi-se embora sem que nada acontecesse. Ainda estava a medir o passo que ia dar a seguir, mas, para Teresa, o recomeçar daquela relação era agora uma meta – as dúvidas iam-se dissipando aos poucos.

Voltou a sonhar com o descampado. Voltou a falar longamente com a pedra cinzenta, repetindo tudo o que dissera a Jorge, a Pedro, ouvindo os mesmos argumentos que eles tinham usado. Ainda esboçou um pequeno

amuo por achar que eram três contra uma, mas a pedra não lhe pareceu dar atenção. Teresa já não se sentia capaz de defender a posição de não pedir o *part-time*. Tinha chegado a um ponto em que não podia voltar atrás, simplesmente porque já não era capaz. Ainda tentou barafustar quando a pedra lhe disse exactamente isso, mas esta decidiu atacar noutra frente. Começou a perguntar-lhe pelas feridas antigas.

– Feridas antigas?!

– Sabes bem do que estou a falar.

– Não sei se sei.

– Tens de resolver esse teu sentimento de... de abandono, não é o que pensas? Com a morte do teu pai, tu...

– A minha mãe também morreu naquela altura!

– Estás a ser injusta, Teresa. Ela não conseguiu ficar aqui, onde tudo lhe lembrava o teu pai. Tu já estavas com vinte anos, eras autónoma, ela achou que podia ir-se embora.

– Mas eu não estava pronta.

– Parece que não...

Ficaram as duas em silêncio durante algum tempo.

– Tenho pensado menos nisso – disse Teresa. – Falei ao Pedro nela, acho que deixei sair um bocadinho da irritação. Sinto-me menos revoltada.

– Já devias ter falado nisso há mais tempo com o Jorge, por exemplo.

– Ele não entende. Tem os pais vivos, nunca teve uma relação como eu...

– Mas ele sabe ouvir e percebe. Acredita. Nunca lhe deste sequer a hipótese de te ajudar nesse assunto. Deixá-lo de fora magoa-o, não te parece?

– O Pedro sabe o que eu sinto.

– Pois... O Pedro tem de saber para te poder ajudar. Teresa não percebeu o que ela quis dizer, mas o sonho desapareceu nesse preciso momento.

Na manhã seguinte, Teresa dirigiu-se ao gabinete do director. O homem ficou em silêncio durante a explicação da sua colaboradora. Tudo foi dito de forma que tinha tanto de atabalhado como de convicto. Ouviu o pedido, deixou-se ficar em silêncio por uns instantes. Finalmente, aclarou a voz e falou:

– Não conheço nada do seu trabalho como pintora, mas acho importante essa sua opção. Ainda é jovem, tem a vida pela frente, não a deve desperdiçar. Não me vai facilitar a vida, como sabe, mas não tenho razões de queixa do seu trabalho. Queria continuar a contar consigo. Vou aceitar o seu *part-time*, mas peço-lhe que me dê uma ajuda naqueles momentos de crise, aqueles que a Teresa tão bem conhece. Passa a trabalhar só de tarde, como disse que preferia, e eu também, e reduz o número de horas para sessenta por cento. O salário acompanha a redução na mesma proporção. Depois acertamos as horas a mais. Espero que tudo lhe corra como deseja.

Teresa saiu do gabinete atordoada. Tinha a noção de ter agradecido como devia, de ter sido muito delicada, mas sentia um forte entorpecimento no corpo. Ouvia dentro da cabeça a sua própria voz a dizer que tinha as manhãs livres a partir do próximo mês, estava embriagada de contentamento.

Pegou no carro e guiou até ao rio. Estacionou mesmo à borda-d'água e ficou sem se mexer. Revia a conversa com o director. Fora tão fácil, que ela tivera dificuldade em acabá-la. Previra alguma discussão, preparara uma argumentação para contrapor à que surgisse da parte dele a favor da estabilidade. A única coisa que não tinha previsto era que aquele homem adoptasse um ar sereno e lhe desejasse boa sorte.

Conseguira o que queria. Não, nem tudo. Queria recomeçar o namoro com Jorge, queria voltar a acarinhá-lo nos seus braços, queria que ele conhecesse Pedro e que ficassem os três amigos. E seria isso possível? Receava a reacção de Jorge, não a de Pedro. Mas não ia esconder nada, falaria a seu tempo.

Quando se encontrou de novo no seu apartamento, pegou no telefone. Só não sabia por onde começar. Sentiu uma enorme vontade de telefonar à mãe

para lhe contar, para lhe dizer o que alcançara.

Depois de várias hesitações, ouviu a voz da mãe do outro lado da linha. Esta mostrou-se muito feliz pela sua atitude, embora Teresa tivesse sentido que ela sobretudo gostara que a filha lhe telefonasse espontaneamente. Foi carinhosa para Teresa, e ela sentiu-a de repente mais perto de si.

Depois de desligar, reparou no gravador. Uma chamada. Resolveu ouvir primeiro, antes de continuar os telefonemas. Era Judite que lhe queria falar.

VI

– Teresa? Pareceu-me a tua voz no intercomunicador, mas não queria acreditar. Entra.

Teresa entrou. Judite espiava-a sem disfarçar, intrigada com aquela súbita visita da amiga.

– Os miúdos já estão a dormir?

– Claro, são dez e meia.

– Trouxe-lhes uns livros...

– Estás sempre a dar-lhes prendas... Não é preciso.

Teresa entrou na sala, sentou-se sem cerimónia no sofá. Judite instalou-se à frente da amiga, numa posição atenta, como quem se prepara para ouvir e debater uma questão importante. Não tinha dúvidas de que seria mesmo muito importante.

– Vamos lá a saber o que se aconteceu.

– Vou passar a trabalhar só de tarde. Falei com o meu chefe.

– Espera aí. Que história é essa? Arranjaste outro emprego, foi?

– Oh, Judite! Então e a pintura? Será que não te lembras de que eu tinha dito que queria ter mais tempo para pintar?

– Sim, tens razão, desculpa. Falaste com o teu chefe e...

– E ele desejou-me boa sorte, pediu-me que eu o ajudasse nas épocas de crise. Foi tão simples!

– Assim?! Sem mais nem menos?!

– Sim, imagina. Se calhar, até lhe dá jeito, não sei.

– E o dinheiro?

– Passo a receber sessenta por cento do que recebia, não é mau. Eu ganho bem. Se calhar, há coisas de que posso prescindir.

– Mas de futuro...

– De futuro, logo vejo. Agora vou experimentar. Não tenho filhos, posso ter tudo controlado sem dificuldade. O Jorge concordou.

Judite abriu muito os olhos.

– Falaste com ele acerca disso?

– Precisava da opinião dele. Ele acha que eu devo tentar. Foi o Pedro...

O telefone tocara, e Judite levantou-se para ir atender. Teresa ficou à espera, pensando se devia ou não falar de Pedro. Mesmo sendo muito amigas, continuava com algum receio de que a Judite não entendesse a relação. Começava a incomodá-la aquele segredo, pois escondia a existência de Pedro das pessoas com quem se dava. Mas ninguém ia perceber, pensava ela. Iam todos começar a magiar paixões, se não da parte dela, da parte dele, mesmo que disfarçadas. Teresa não teve coragem de arriscar. Se Judite não voltasse ao assunto, tanto melhor. Quando recomeçaram a falar, Judite não deu mostras de ter ouvido as últimas palavras de Teresa, e ela não adiantou mais nada.

– Era o Luís. Volta no final da semana, na sexta.

– Não disse mais nada?

Judite começou a chorar agarrada à cara, como se já não aguentasse mais aquela incerteza.

– Fala, Judite. Ele disse o quê?

– Que já se sentia mais seguro. Que achava que tinha decidido o que ia fazer.

– E tu não lhe perguntaste o que era?

– Claro que perguntei. Disse que preferia falar comigo sem ser por telefone, que assim era muito esquisito. Mas que ficasse descansada. Como se fosse possível!

Ficaram as duas em silêncio. Tinham a perfeita noção de que tanto poderia ser uma coisa como outra. Teresa ficou sem saber o que dizer. Lembrou-se de que talvez Luís tivesse falado com Jorge. Iria perguntar-lhe se sabia de alguma coisa e, se fossem boas notícias, então contaria à amiga. Mas não queria que Judite pensasse nessa hipótese, não fosse correr tudo ao contrário e ser ainda pior.

– Estou tão cansada das dúvidas! Os dias não se despacham! Sempre que olho para o relógio, parece que nem andou. Tento estar bem com os miúdos,

mas fico tão estafada, que, depois de os deitar, estou de rastos. Tenho passado as noites a ver televisão, acreditas?

– Acredito. Já faltam só três dias, vais ver que é um instante.

– Tretas!

– Tens de fazer só mais um esforço.

– Mas porque é que ele não diz nada? Nem que fosse que estava decidido a separar-se, qualquer coisa! Estou farta de pensar uma coisa, depois outra, depois lembro-me de fases boas, depois amarguro-me com as fases más. Eu acho que tenho toda a culpa possível.

– Que disparate! Então agora és tu que estás a provocar isto tudo?

– Se o tivesse bem preso a mim, se lhe desse tudo aquilo de que ele precisa, ele não ia procurar outra.

– Calma, Judite, ele não foi procurar outra. Aconteceu. Nem tu sabes se um dia não te pode suceder o mesmo, ou a mim, ou ao Jorge. Devem ser situações muito difíceis de resolver, e ele falou logo contigo. Repara bem que não deu um passo na direcção da tal rapariga...

– Isso dizes tu...

– O Jorge confirmou-mo.

– Falaste com o Jorge sobre isto?!

– Eles falaram os dois antes de o Luís se ir embora.

– Era de esperar que o fizessem – disse Judite. – Não me tinha lembrado disso.

– Mas o Jorge garantiu-me que a rapariga nem sequer desconfia. Tens de reconhecer que foi muito mais correcto do que, olha, do que o que faz o marido da Laura, que sai com todas e mais alguma e não lhe passa cartão.

– Também, aquela chata...

Desmancharam-se a rir. A pobre Laura era de facto um ser muito cansativo, mas ninguém merecia ser tratado daquela forma...

– Eu acho que ela sabe... – comentou Judite.

– Se calhar. Quer dizer, se não sabe, é a única pessoa a não saber. Deve ser horrível.

– Que mais disse o Jorge?

– Sobre o Luís? Não disse nada de especial, só que o viu muito confuso, muito inseguro, muito preocupado se te iria magoar, essas coisas.

Judite recomeçou a chorar agarrada a um lenço que já acusava várias crises parecidas. Teresa não sabia que mais dizer, não se lembrava de nada que a confortasse, sentia-se bloqueada perante toda a situação.

Quando a amiga acalmou, Teresa foi até à cozinha e arranjou um bule com água muito quente e levou duas chávenas para a sala para tomarem um chá. Judite preparou-o sem dizer nada, e estiveram caladas algum tempo.

Os pensamentos de Teresa estavam embrulhados. Pedro tinha razão, nunca lhe acontecera tanta coisa ao mesmo tempo, nunca tivera tantas situações complicadas à sua volta durante o mesmo período. Olhava para a amiga e pensava que seria bom partilhar com ela o que sentia por Pedro, mas não podia arriscar. Sobretudo com aquela situação do Luís tão fresca. Queria contar-lhe como tinha tido imensa vontade de recomeçar tudo com Jorge e de como se tinha contido, sem saber bem porquê. Também lhe queria transmitir a loucura que era sentir que fizera uma opção fundamental na sua vida. Mas não conseguia dizer nada. Foi Judite que reatou a conversa.

– Fala lá de ti, acabaste por não dizer tudo.

– Agora, não deve apetecer-te ouvir nada.

– Pelo contrário, apetece-me imenso. Conta.

Judite tinha enxugado as lágrimas, encostara-se no sofá. Parecia atenta.

– Já te disse tudo. Vou passar a trabalhar só de tarde, de manhã, pinto...

– E o curso?

– Lá continuo. Já te tinha dito da exposição, não tinha?

– Já. Mas não sabes de mais nada, pois não?

– Só para a semana, acho eu. Não estou com muitas esperanças, mas foi bom ter falado com o professor. Deu-me imensa coragem. Tenho aprendido tanto com ele...

– Se calhar, consegues mesmo que o teu quadro vá para a exposição da associação. Era fantástico!

– Calma, nada de entusiasmos.

– Mas isso de trabalhares só de tarde, acho incrível. Daqui a uns anos, se não estiveres já lançadíssima como pintora, podes não conseguir fazer isso.

– Pois é. Ou experimento agora, ou vou estar sempre a remoer que queria ter feito isto e que não fiz.

– E do Jorge? Conta.

– Tivemos à conversa sobre isto tudo. Ele acabou por dizer que o irritava imenso que eu não assumisse que queria pintar. Queixou-se do meu mau feitio dos últimos tempos.

– Ele também não foi propriamente um santo... Lembro-me de te ter aturado várias vezes num estado deplorável depois do que esse menino te fazia. Ele sabe ser muito chatinho. E fere com as palavras que diz!

– Ele disse exactamente isso. Até foi simpático...

– Estás a esconder-me alguma coisa...?

– Que chata! Não estou, juro que não. Não recomeçámos, mas foi por pouco. Apetecia-me tanto agarrá-lo e pedir que ele ficasse lá.

– E porque é que não fizeste nada?

– Não te sei dizer. Preciso de o querer mais ainda, para apagar o mau bocado que passei.

– Já não estamos assim tão longe...

– É engraçado. Eu sinto que ele vai querer estar outra vez comigo, que vamos voltar a sentir-nos bem juntos, tenho a certeza disso.

– E tens razão. Eu sempre achei que essa zanga só ia fazer-vos bem. Quem me dera poder pensar o mesmo de mim...

Deixaram que a conversa continuasse até tarde. Judite ficou mais calma. A Teresa, soube-lhe bem aquele serão. Se os amigos lhe diziam que ela tinha optado pela solução certa, devia ser realmente verdade.

«Ui!», pensou, «se o Pedro me ouvisse agora...!»

§

Quando saiu do trabalho, Teresa ia com a preocupação de telefonar à Judite. Não quis falar enquanto lá estava, não fosse o caso estar pior, mas,

assim que encontrou uma zona mais calma, ligou o número à pressa. Falaram com alguma dificuldade, pois o trânsito não deixava ouvir quase nada, e, quando pousou o telefone, tinha Pedro a seu lado.

– Mas isto é bruxedo, ou quê? Como é que sabia que eu estava aqui?

– Vi-a sair. Como ia telefonar, esperei. Novidades?

– Estava a falar com a Judite. O Luís já cá está, mas ainda não falaram de nada. Parece que a abraçou muito quando chegou, pediu-lhe desculpa ao ouvido, levou as malas para casa, mas ficou por aí. Deve estar à espera de que os filhos se deitem.

– Parece no bom caminho...

– Eu também acho. Caso contrário, não teria ido para casa, com malas e tudo, não acha? Espero que isto se resolva em bem. Ele tinha telefonado a dizer que já estava seguro do que ia fazer, mas não disse o quê. A Judite tem sofrido imenso. Não entendo porque é que ele não diz logo tudo.

– As pessoas têm, por vezes, reacções muito estranhas. Eu acho que teria dito que voltava para ela, se fosse esse o caso – comentou o Pedro.

– Eu também, não a ia deixar a magiciar mais tempo. Mas não há nada a fazer.

– Acha que podemos jantar juntos, ou o Jorge vem ter consigo?

– Não, não vem. Queria mesmo companhia. Esta vida nova tem muito que se lhe diga. Acredita que, agora que sei que vou ter tempo para pintar, fico em pânico a pensar que não vou ter ideias novas? Que, quando acabar este quadro, se acaba a inspiração?

– Isso deve ser normal. Mas não se deixe intimidar, ouviu? Vai ser um salto do qual nunca se vai esquecer. Nem arrepender.

– O Pedro fala como se conhecesse o futuro. Não tem lá em casa uma bola de cristal ou coisa parecida...?

– Tenho uma lindíssima bola de vidro com uma flor de plástico dentro e um arame branco a fazer de suporte. Oferta da mulher-a-dias. Mas nunca me disse nada sobre o futuro. Não que eu não tenha tentado...

Continuaram a falar, enquanto se encaminhavam para o restaurante. Já a meio do jantar, Pedro quis saber mais coisas.

– E o Jorge?

Teresa contou-lhe a conversa, com um sorriso envergonhado.

– Estivemos quase a dar o passo. Tenho imensas saudades dele. Ele faz-me falta. Queria tanto agarrá-lo!

– E ele também, com certeza.

– Mas não aconteceu nada. Eu queria mesmo... Pedro riu-se do tom rosado da pele de Teresa.

– Esquisito seria se isso não acontecesse, não precisa de corar assim.

– Acho que falo de mais. O Pedro tem o condão de me pôr a falar de mais, sabia?

Continuaram a conversar, mas Teresa apercebeu-se de que não tinha dito nada ao Pedro sobre a mudança de horário, sobre a grande decisão. Mas ele parecia já saber. Tentou recordar a noite em que pensara ligar a Jorge, a Judite e a ele. Falara com a mãe, com Jorge, que estava de partida para Paris e que ficou muito contente, tinha ido ter com Judite, contara-lhe nessa noite, mas não tinha falado com Pedro, nem nesse dia nem depois. Pedro, notando alguma apreensão, apressou-se a dar uma justificação, como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos.

– Eu vim cá ontem de manhã ter consigo, e disseram-me que agora trabalhava só de tarde. Percebi que já tinha optado.

– Como é que sabia que eu estava a pensar isso mesmo?

– Acho que já a conheço bem de mais. Não sei, pareceu-me que se tinha lembrado de que não me tinha dito. Até fiquei um bocadinho sentido – mentiu, sorrindo. – Mas já me passou.

Teresa aceitou aquela explicação sem grandes comentários. Ficou com muitas dúvidas quanto à verdade. Estava um pouco insegura. Pedro tinha qualquer coisa de misterioso que lhe escapava. Ele não lhe deu tempo para fazer mais perguntas. Falou toda a noite sobre os seus alunos, mas de uma forma pouco natural. Teresa sentiu-se muito desconfortável.

No final do jantar, Pedro pediu-lhe para ver o quadro que ela estava a pintar. Ao notar a mudança na expressão, que Teresa não conseguiu disfarçar, sossegou-a:

– Então, Teresa, pensei que já tínhamos ultrapassado essas suas dúvidas.

– Quais dúvidas?...

– Eu só quero ver os quadros. Se estivesse interessado em ter uma relação diferente consigo, já teria saído de cena, acredite.

– Porquê?

– Porque existe o Jorge.

– E não ia tentar conquistar-me?

Teresa estava um bocadinho escandalizada.

– Não. Sinto claramente que esse lugar está ocupado, muito bem ocupado, por sinal! Mas se não quer que eu lá vá a casa assim à noite, combina-se para outro dia.

– Não, não tem importância. Vamos então. Mas eu queria deitar-me cedo...

– Eu também. Subo, vejo o quadro e saio de seguida.

Assim fizeram. Pedro ficou espantado com tudo o que viu. Teresa deixou-o a observar os outros quadros para ir ouvir uma mensagem que tinha no gravador. Voltou para a sala lívida.

– Pedro, era o meu professor de pintura...

– O seu quadro foi escolhido?

– Foi...

Pedro abraçou-a. Ao soltá-la, viu que chorava.

– Chore, sempre faz sair essa ansiedade toda. Muitos parabéns, Teresa.

– Tenho passado os últimos tempos a chorar... – E que mal tem isso?

Teresa olhava à volta, vendo os vários quadros espalhados um pouco por todo o lado. Parecia estar em choque.

– E o Jorge? Ele ia ficar todo contente se lhe telefonasse. Está no Porto, não é?

– Foi lá trabalhar esta semana, sim...

– E então...?

– Vou telefonar, pois...

– Eu vou andando. Fico muito contente por si, Teresa. Muitos, muitos, parabéns.

Pedro saiu. Teresa ficou a tentar marcar o número de Jorge, o que lhe era difícil por ter os olhos cheios de lágrimas. Quando deu por que o Pedro tinha realmente saído, voltou a sentir aquele desconforto. Havia algum mistério naquele homem. Jorge atendeu. Teresa esqueceu-se das dúvidas.

§

Ao desligar o telefone, sentia-se tonta de satisfação. Voltou a pegar nele, desta vez para telefonar à Judite. Não conseguia parar de rir ao ouvir os comentários da amiga. Judite ficou excitadíssima com a notícia e não parava de dizer que estava muito feliz por ela, que sempre tinha pensado que isto iria acontecer. Somou a isto tudo um número razoável de frases do género «e tu que não querias ir ao curso...», às quais Teresa ia respondendo com outros tantos «pois era...».

Judite não adiantou grande coisa em relação à chegada do marido, mas disse-lhe que estava tudo bem. Sentia-se-lhe na voz uma alegria imensa, e Teresa depreendeu que, embora ela não quisesse falar por ter o marido e os filhos por perto, tudo estaria a voltar ao normal.

Quando desligou o telefone, viu-se subitamente sozinha. Não conseguia perceber bem o que lhe causava aquela impressão. Pedro fora-se embora, e era justamente com ele que mais lhe apetecia falar. Gostava de poder perceber melhor aquela personagem e voltou a pensar nas desconfianças que tinha tido durante o jantar. Não lhe parecia que ele conhecesse alguém do escritório, não conhecia Judite, Jorge também não, que, de qualquer forma, não estava em Lisboa nessa altura.

Sentou-se ao estirador a pensar, brincando com o lápis nos dedos. Ele tinha adivinhado muito depressa que o quadro fora aceite. Mas, realmente, só podia ser isso, vindo do professor de pintura. Contudo, incomodava-a aquela certeza que Pedro demonstrava em certas situações.

Olhando todos os quadros espalhados à sua volta, sorriu ao pensar na exposição. Iria participar numa mostra conjunta de vários artistas, seria um dos novos talentos... Era melhor do que um sonho.

Sentiu uma leve brisa no pescoço e, ao voltar-se para fechar a janela, pensando que esta estaria aberta, encontrou-se bem longe de sua casa. Não se admirou com esse facto, nem tentou pedir explicações à pedra cinzenta que tinha à sua frente. Teresa sentiu-se confortável por poder estar ali, por já não ter de ficar sozinha.

– Calculo que saibas o que aconteceu.

– Claro. E sei que não queres estar sozinha.

– O Pedro saiu assim que eu peguei no telefone para ligar ao Jorge. Tinha-me sabido bem ter ficado mais tempo com ele.

– Mas não podia ser.

Teresa não gostou da resposta.

– Não podia ser porquê? Tu sabes alguma coisa sobre ele? De onde o conheces?

– Ora, conheço-o, já chega. Estava a dizer que ele não podia ficar para não haver problemas. Tu própria pensaste nisso.

– Eu não estou apaixonada, e ele sabe. Não tinha feito mal nenhum, afinal até me tinha feito bem.

– Estavas muito receosa... ou já te esqueceste? – Não quero que ele esteja à espera de nada...

– Ele não está. O que tem de ti chega-lhe perfeitamente.

– Mas como é que sabes isso tudo? Será que não podes ser mais directa e deixar para trás essas tuas frases misteriosas? Podias começar por me explicar quem ele é.

– Não posso dizer mais do que tu já sabes. É professor de Matemática, vive no...

– Sabes bem que não é disso que estou a falar. Ele apareceu a seguir ao meu sonho contigo, tu até sabes quem ele é, não existe nenhuma ligação? Fiquei muito desconfiada durante o jantar...

– Não compliques aquilo que é simples. Tens um bom amigo, estima-o. Não tentes perceber tudo ao ponto de estragares uma amizade. Respeita-o como ele é. Não te vai decepcionar, acredita.

– Isto não é só um sonho. Há alguma relação entre ti e o Pedro?

– Ora, ora...! Tu estás sempre a falar-me dele!

Teresa deixou de sentir qualquer vontade de tirar conclusões acerca daquele assunto. Recostou-se na cadeira, vencida por uma pedra redonda, enorme, de mau feitio. Sorriu ao formular este pensamento.

– Não precisas de exagerar. Não tenho mau feitio – gemeu a pedra, sentida.

– Desculpa, não era para te magoar. Mas tu nunca me dizes o que eu quero que tu me digas.

– Tem de ser assim.

Teresa olhou para a pedra acinzentada. Talvez valesse a pena contar aqueles sonhos a alguém. Nunca mais tinha dito a Pedro que os sonhos se repetiam, talvez com medo de que ele se risse dela. Mas havia uma força qualquer que a impedia de falar dos sonhos a outros. Ninguém iria ficar a ouvir sem uma grande gargalhada, e ela não estava disposta a isso. Encarou a pedra e começou a falar.

– Nunca me senti assim. Acho que nunca fui capaz de tomar decisões como agora, de me aceitar a mim mesma como faço neste momento, de nem sequer recear o que vem a seguir. Dei uma reviravolta enorme na minha vida. Optei com uma grande dose de risco. Ganhei uma oportunidade fantástica para o meu futuro como pintora. Tudo isto sem sentir medo, o medo que sempre me acompanhou, o medo de decepcionar alguém, o de ser diferente. Nem sequer estou preocupada com o regresso do Jorge à minha vida. É como se tivesse a certeza de que ele vai voltar. Serenidade. Aquilo que consigo sentir neste momento é uma imensa serenidade. Gostava que os meus pais me pudessem ver agora, que pudessem ver que me tornei numa pessoa inteira. Queria muito mostrar-lhes o que consegui.

As lágrimas escorreram-lhe pela cara, mas já sem dor. Mesmo o passado vinha ter com ela para a completar, não para a magoar. Sentia saudades do pai. E da mãe, sempre tão longe. Respirou fundo. Era a primeira vez que pensava neles sem mágoa nem ressentimento.

– Isto é... crescer?

A pedra não respondeu. Teresa continuava sentada na cadeira. Sentiu as costas um pouco doridas, mas, ao tentar endireitá-las, viu-se de novo sentada ao estirador. Tudo tinha desaparecido: a pedra, o descampado, tudo. Sempre que queria perguntar alguma coisa mais profunda, a pedra fugia-lhe, deixando-a não só com as perguntas, mas também com as respostas. Cruzou os braços sobre o tampo liso, deitou a cabeça sobre eles e adormeceu.

§

– A mãe quer ir comigo para Londres, Teresa.

Teresa ficara em estado de choque com aquela frase. Depois de tudo o que acontecera, a morte do pai, a depressão em que a mãe se afundara, o esforço para a trazer de novo à vida... e ela ia-se agora embora. Sentiu-se desprezada, destruída, como se não valesse nada. O irmão falava pausadamente, consciente da dor que aquela decisão da mãe lhe ia custar. Aliás, a própria mãe não tivera sequer coragem de ser ela a dizer-lhe o que decidira. Deixara essa tarefa para o filho mais velho, aquele com quem iria viver.

– Não é nada contra ti, Teresa, acredita. A mãe não aguenta viver aqui, onde tudo lhe lembra o pai, onde se sente sempre entre o passado e o presente. Ela pediu-me para ser eu a falar porque...

– Porque é covarde!

– Não, sabes bem que não. Ela pediu-me a mim porque não queria que tu lhe disseses isso mesmo que estás a pensar. Quem está a ser um pouco injusta és tu. Ela tem o direito de escolher a vida que quer levar.

– E eu posso ficar aqui, com o passado, com o presente, que não faz mal.

– Tu tens vinte e um anos, não tens cinquenta. Tens a tua vida pela frente.

O que sentes agora vai-se esbatendo.

– E porque é que ela não faz o mesmo?

– Se calhar, porque já não tem forças para isso.

Teresa sentara-se em frente da janela sem olhar o irmão, sentindo uma revolta tão grande, que os pensamentos se embrulhavam uns nos outros. Ninguém se preocupava por ela ficar sozinha. Perdera o pai, agora perdia a mãe.

– Tens mais dois irmãos contigo em Lisboa, não estás abandonada.

Teresa virou-se para ele, chorando de raiva.

– Mas eu esforcei-me tanto para ela recuperar, quis tanto que ela ficasse bem, e ela agora vai-se embora.

– Talvez volte daqui a uns tempos.

– Nessa altura, já não vou precisar dela – disse Teresa, num tom de desafio.

O irmão acabou por se irritar com ela. Começaram a discutir, as vozes foram ficando cada vez mais alteradas. Teresa estava já de pé, tentado diminuir a diferença de alturas, até que se sentiram observados. A mãe estava à porta, a ouvir. Calaram-se de repente, e o irmão saiu do quarto sem dizer mais nada, chocado com a irmã, envergonhado com o que a ouvira dizer.

Ficaram as duas a olhar uma para a outra, em silêncio. O olhar da mãe era o de alguém que foi vencido pela vida cedo de mais. Apesar de ter recuperado em parte do choque da morte do marido, estava sem rumo.

Teresa via naqueles olhos os mesmos olhos que lhe tinham dito uma vez que eles nunca se separariam. Sentiu um arrepio. Não era bem verdade que nunca se iriam separar, agora percebia como tudo isso era frágil. Aquela mulher estava desfeita, sem força para lutar mais, a querer fugir das recordações, e ela a tecer teorias sobre a justiça da sua escolha. Teresa envergonhou-se dos seus pensamentos. Pousou os olhos no chão, sem saber bem o que fazer. A mãe ouvira mais do devia. E Teresa só estava a fazê-la sofrer mais.

– Eu nunca me vou esquecer do que fizeste por mim, Teresa, nem nunca te vou poder retribuir, acho eu. És uma pessoa muito forte, admiro muito a tua coragem.

Forte? Corajosa? Teresa sentia-se, ela, sim, uma cobarde, uma injusta, um monte de escombros. Caiu em si, quis dizer qualquer coisa, e os olhos já se tinham toldado de lágrimas, a voz estava presa, e nada lhe ocorria que pudesse dizer.

A mãe chegou-se a ela, abraçou-a e disse-lhe ao ouvido que iria ficar tudo bem, como fazia quando Teresa era pequena. Sentiu um beijo nos cabelos e viu-a sair do quarto. Deixou-se estar ali. Não tinha forças para se mexer. Nem sabia bem o que iria dizer ao irmão. Mas foi ele mesmo que a foi buscar, chamando-a para jantar, passando-lhe o braço sobre os ombros, como o pai costumava fazer, desculpando-a sem dizer nada.

§

Teresa já estava a acabar de tomar banho, que fora prolongado para aliviar as dores nas costas, quando ouviu a campainha tocar com urgência. Saiu a correr da banheira, falou pelo intercomunicador, mas apercebeu-se de que a pessoa já estava no *hall* do elevador.

– Quem é?

– Abre lá essa porta, despacha-te!

Reconheceu imediatamente a voz de Judite. Enrolou-se melhor no lençol turco e abriu, escondendo-se atrás da porta, que Judite fechou com força. Depois, agarrou a amiga num abraço forte e só a largou quando o cabelo molhado a começou a incomodar.

– Estás toda molhada...

– E tu um pouco histérica...

– Voltou.

– Tinha de ser... Eu sempre achei que isto lhe passava. Que bom!

– Acordámos muito cedo para ir pôr os miúdos aos meus sogros. Não aguentava mais sem vir ter contigo. O Luís foi só deixar umas coisas ao escritório, não posso demorar muito.

– Fantástico, tudo a voltar ao sítio.

– Mas tu estás a tremer porquê?

– Estou a morrer de frio, parva, ainda nem me limpei!

Teresa acabou de se arranjar, e Judite foi preparando o pequeno-almoço para as duas. Teresa sentia-se tão feliz, que lhe parecia estar a viver uma ilusão. Mas não. Aos poucos, o *puzzle* ia-se compondo. Quando se sentaram a comer, já Judite contara todos os pormenores da noite anterior. Teresa sorriu ao ouvir tantas confidências, esperando que a amiga nunca dissesse a Luís que fizera um relato tão pormenorizado da reconciliação. Mas Judite precisava de reviver aqueles momentos, como se o facto de os contar os confirmasse. Teresa ouviu-a, satisfeita por voltar a ver os olhos de Judite brilhantes.

– Não te vou tirar mais tempo. Vou ter com ele.

– Já te vais embora? Nem penses! Estou deserta para saber mais pormenores.

– Ontem devia ter-te telefonado mais tarde. É que telefonaste mesmo a meio da conversa.

– Eu percebi. Telefonei ao Jorge.

– E ele?

– Ficou tão contente! Nem sabia o que dizer. Só gaguejava do lado de lá. Não parava de dizer que queria estar ao pé de mim, que era uma chatice estar tão longe.

– Ele vai voltar a andar contigo, Teresa, tenho a certeza.

– Também eu!

– Que reviravolta! Estás tão segura de ti...

– Eu também estou admirada comigo. Mas parece-me evidente...

Riram-se. Judite voltou a servir café, já de pé.

– Quando o Luís chegou a casa, tu não tiveste a certeza, não sentiste que ele ia dizer que era tudo para esquecer?

– Tive. É esquisito, mas tive. Tratei das coisas com muita calma, deitei os miúdos, arrumei a casa, esperei que ele começasse a falar. Quando o vi atrapalhado para se desculpar do que me tinha feito sofrer, dei por mim a pensar que já entendia o que lhe aconteceu. Tu tinhas razão: pode acontecer a qualquer um de nós... Quem estava com pena era eu.

- Estamos de parabéns, as duas.
- Parece que sim. Sabes que me fez bem isto tudo?
- És muito disparatada, realmente – ralhou Teresa. – Agora achas que até foi positivo.
- Acredita, foi mesmo. Fez-me pensar muito, reorganizei as minhas ideias sobre nós os dois, valeu a pena.
- Deves ser a maior fiteira que eu conheço.
- Já é a segunda vez que me dizes isso...
- Vão almoçar fora?
- Sim... Depois vamos lanchar a casa dos meus sogros com os miúdos.
- Ficas a dever-me um almoço.

VII

Pedro telefonara de manhã a perguntar se podiam almoçar juntos. Teresa combinou encontrarem-se à porta da galeria onde iria entregar o seu quadro, pedindo algum apoio. Assim, não se sentiria tão sozinha e até seria mais fácil falar com o organizador da exposição.

À hora combinada, Pedro estava à porta da galeria. Teresa chegou logo a seguir, deixou o carro mal estacionado e começou a tirar o quadro que ele se apressou a ajudar a transportar para dentro. Pedro ofereceu-se para ir arrumar o carro, mas Teresa não queria entrar na galeria sem ele, por isso foi ela mesmo fazê-lo. Quando regressou, vinha com um sorriso feliz, embora um pouco assustado.

– Nunca tive quadros expostos. Só em coisas daquelas de liceu é que mostrei alguns trabalhos, dos quais me envergonho agora, por sinal.

– Isso é pena. Nunca teria chegado aqui se não tivesse passado por essa fase.

– É verdade... Concordo. Entramos?

– Eu carrego.

Pedro agarrou bem no quadro e pôs-se atrás de Teresa, o que deveras a incomodou, pois preferiria mil vezes ir na sua sombra. Pedro riu-se da hesitação dela ao entrar e acabou por a empurrar devagar, espetando-lhe o quadro nas costas.

O organizador, afinal uma mulher de quarenta e tal anos, recebeu-os com uma disposição pouco definida. Não parecia dar grande atenção a Pedro, mas este também não pareceu aborrecido com o facto. Teresa ficou embaraçada de início, mas depressa deixou de se preocupar com isso, pois tinha imensas outras coisas na cabeça.

A organizadora, Maria, como disse para lhe chamarem, mostrou a Teresa o local onde iriam ser expostos os quadros seleccionados, ensaiando logo a iluminação enquanto o Pedro sustinha o quadro no ar. Ela ia explicando que tinham seleccionado obras de cinco novos pintores, mas sem dar opinião

sobre isso. Os restantes eram de artistas consagrados, que ajudavam assim os mais jovens a ter público. Foi quando chamaram Maria ao telefone que Teresa conseguiu descontrair:

- Parece tudo um sonho! Tenho medo de acordar.
- É mesmo a sério, não se preocupe. O sítio não é grande coisa, pois não?
- Não, já percebi que não, mas só o facto de poder expor...
- Claro, isso está fora de questão. A Maria é tão pouco simpática...!
- Não lhe liga assim muito...
- Quem pintou o quadro não fui eu – eu só seguro. Além disso, já estou

habituação.

- Habituação? Habituação a quê?
- A que não me liguem.

Teresa ficou um pouco desconcertada.

- Acha que eu não lhe ligo?
- Estava a brincar, claro que liga. Imenso!

Maria chegou, entretanto. Continuaram a combinar os jogos de luzes, até se aperceberem de que Pedro já não aguentava mais com o quadro no ar. Maria pediu-lhe desculpa pelo incómodo e acabou com a sessão de luzes. Deu os parabéns a Teresa, teceu vários elogios ao quadro, fez logo outros tantos juízos sobre qual dos quadros que ali tinha era o melhor, e acabou por os deixar no meio da galeria para ir tratar de outros assuntos. Teresa estava um pouco abalada com todas aquelas considerações.

- Fiquei sem perceber se ela realmente gostava, ou não.

– Não importa muito o que ela acha. Eu bem me parecia que ela era do género fala e esquece.

- *Fala e esquece?! O que é isso?*

– São estas pessoas assim, que falam imenso sobre qualquer assunto e depois deixam as coisas no ar e vão-se embora. Se voltássemos a entrar, ela pensava que éramos outros.

- Que maldade! Também não é preciso exagerar!
- Eu acho que ela é um caso típico.

– Deixou-me um bocado baralhada. Já nem me consigo lembrar muito bem do que ela disse.

– Isso até que nem é mau, porque ela não deve dizer nada de muita importância. Espero é que não seja crítica de pintura. Só faltava isso...

– Tinha-me esquecido dessa parte...!

– Não ponha essa cara, Teresa. Nem sempre vão estar presentes, raramente vão dar opinião; não vale a pena tentar percebê-los e não deve depender deles.

– Isso já sei, mas não deixam de me assustar.

Ainda se demoraram a apreciar os outros trabalhos que se iam encostando às paredes nos sítios onde iriam ficar. Foram fazendo também alguns juízos, concordaram quase sempre, discordaram no meio de risos. Ainda se cruzaram com Maria, que lhes perguntou de imediato se precisavam de alguma coisa, o que deu a Pedro a sensação de que ela não os tinha reconhecido, embora Teresa dissesse que ela estava só a ser amável.

Disfarçaram uma gargalhada ao ver dois rapazes, um a segurar o quadro e a desfalecer, tal como acontecera a Pedro, e o outro de olhos esbugalhados a ouvir o que Maria dizia, sendo este segundo visivelmente o autor do quadro.

§

Quando saíram da galeria, o sol estava forte e especialmente quente. Foram até ao parque, ansiosos por gozar o fresco à sombra das árvores.

– O Jorge chega amanhã?

– Sim, felizmente. Não queria que ele perdesse a inauguração da exposição.

– Seria uma pena, de facto.

– A minha mãe prometeu que viria também. Gostava que ela ficasse uns dias, mas não sei quanto tempo aguenta por cá.

Sentaram-se os dois num banco de madeira.

– Pedro, eu gostava muito que conhecesse o Jorge. Mas tenho tanto receio de que ele não perceba esta nossa amizade.

– Só por eu ser homem, não é?

– Pois é. Nem contei nada à Judite, imagine. O Pedro está na minha vida em total clandestinidade, mas gostava tanto de o apresentar ao Jorge...

– Isso é que já vai ser mais difícil.

– Porquê? Ficou claro que não havia nada mais entre nós senão a amizade, temos essa certeza, não é? Só temos de ser cautelosos e de o convencer disso. Achava muito bonito que fôssemos os três amigos.

– Pois, mas não poder ser. É que eu vou-me embora.

– Embora?

Teresa media-lhe o olhar, começava a sentir uma angústia a crescer dentro dela. Havia algo que ela sabia que iria acontecer havia muito tempo, mas que permanecera escondido dentro de si mesma. Nunca tivera ninguém, nem mesmo Judite, nem Jorge, com quem estivesse tão bem, tão à vontade, como se fosse um desdobramento de si. Pedro continuava calado, parecendo esperar que todas aquelas ideias se cruzassem dentro da cabeça dela. Teresa sentiu-se num arame sem rede.

– Embora?! Mas como? E as suas aulas, os alunos, para morar onde?

– Teresa, eu vou-me embora, mas não dessa maneira que está a pensar.

– Está doente?

Uma onda de terror apanhou-a de surpresa.

– Não, não, descanse. Vou-me embora tal como vim: do sonho.

– Pedro, não goze comigo. Isto parece-me tudo uma brincadeira de mau gosto. Explique lá o que aconteceu. Encontrou uma pessoa e não acha bem dar-se comigo, é isso? Não me diga que está com as mesmas dúvidas com que eu me debati!

– Parece não querer perceber, Teresa. O que eu lhe estou a tentar dizer é que me vou embora para o sítio de onde vim: do seu sonho.

– Mas qual sonho? Por amor de Deus, quer dar comigo em maluca?

Teresa começava a ficar muito enervada.

– No dia em que me viu pela primeira vez, lembra-se? Tinha estado a sonhar.

Teresa endireitou-se no banco. Olhou-o muito séria, fazendo um esforço para não se irritar mais.

– Já se brincou o suficiente com esse sonho, não acha?

– Talvez tenha sido o momento mais marcante da sua vida: ter desejado afastar-se de tudo, ver de fora. Depois, conseguiu lutar por aquilo que gostava, tem um quadro exposto, deixou de trabalhar de sol a sol, até conseguiu reaproximar-se da sua mãe. As feridas antigas começam a sarar. Agora está mais segura de si. Conseguiu resolver os seus problemas com o Jorge, vai recomeçar tudo mais confiante...

– Mas o que é que isso tem que ver consigo, com o sonho, com o ir-se embora? Não consigo perceber. Porque é que o Jorge não o pode conhecer?

– Pela mesma razão por que a Teresa não foi capaz de falar de mim a ninguém. Podemos dizer que só nós sabemos destes encontros.

– Mas eu não disse nada para não ser mal interpretada. Tanto a Judite como o Jorge teriam achado que eu estava apaixonada por si, tenho a certeza.

– Não foi por essa razão. A Teresa sabe que desde o início teve a certeza de que não se tratava de uma paixão. Noutras condições, ter-se-ia defendido se fosse preciso. Brincámos os dois com uma coisa que sabíamos que não ia acontecer nunca. Não contou a ninguém sobre mim porque não podia.

– Não podia?! Era só eu querer!

– Não era, não, acredite. Voltemos ao princípio, ao sonho. A pedra, a reunião...

– Isso foi há meses! Eu nunca mais me lembrei disso!

– Mas voltou a sonhar várias vezes...

Teresa sobressaltou-se.

– Eu nunca lhe contei os outros sonhos que tive com a pedra!

– Não era preciso.

Teresa levantou-se e começou a andar pelo parque. Nem sequer olhou para ver se Pedro a seguia, tinha a certeza de que sim. A cabeça latejava,

estava muito confusa. Contudo, ao mesmo tempo, sentia que já esperava aquilo – esperava que ele desaparecesse... Como é que Pedro podia saber dos sonhos? E porque é que lhe dizia que ela não podia contar tudo às outras pessoas? Parou, virou-se para ele, olhou-o bem nos olhos.

– Quero que me explique tudo, ouviu? Quero que me diga tudo.

– Isso é uma ordem...?

– Não estou a brincar, Pedro.

E a voz mostrava que realmente não estava.

Quando Teresa se preparava para ouvir a explicação, sentiu que qualquer coisa mudara. Num breve relance, viu-se no descampado, com as pequenas árvores a salpicar levemente a paisagem. Tudo estava como nos sonhos. Olhando em volta, não se via nada que se parecesse com a cidade. Mas faltava a pedra. Certificou-se bem de que ela não estava presente. Encarou-o de novo.

– Quero saber tudo!

– A pedra... quero dizer, eu não sou mais do que a sua própria vontade. Eu não posso ser mostrado, apresentado a ninguém, porque ninguém me vê, só a Teresa. Acabei o que tinha a fazer, e vamos voltar os dois à nossa forma inicial – você.

– Está a dizer-me que não existe?! Que estive todo este tempo a sonhar? Quer dar comigo em doida? A Maria não lhe falou? Não o viu?

– A Teresa notou que eu lhe era indiferente. Não se lembrará nunca de mim.

– Está a brincar, está a brincar comigo – gritou Teresa.

– Por favor, Teresa, não se irrite dessa maneira. Eu próprio lhe disse que, fosse qual fosse a forma que assumisse, me iria rejeitar. Veja se entende o que se passou.

– Quer dizer-me que estive todos estes meses a falar com uma pedra com forma de homem, ou com um homem com forma de pedra, ou lá o que é, que estive todo este tempo a falar alto, sozinha, porque você não existia, que tenho ido jantar fora e tenho feito figura de parva a falar para o ar, que...

– Pare! Já está outra vez a gritar! Claro que não andou a falar sozinha! Já não se lembra de a sua colega Antónia dizer que o marido a tinha visto com alguém? Só que as pessoas que lhe estão directamente ligadas nunca nos viram, nunca ouviram falar de mim, não sabem que eu aqui estou.

– Aqui também não admira...

– Agora quem está a brincar é a Teresa.

– Quer fazer-me acreditar que o tal Pedro Moniz não existe, que a pessoa que mais me marcou, que eu acho fantástica, é um *bluff*?

– Basta procurar na sua mala o cartão que lhe dei com o telefone para ver que já lá não está.

Teresa procurou o cartão. Despejou tudo quanto tinha na mala, inspeccionou nervosamente todos os cantos, no meio dos outros papéis. As mãos tremiam-lhe. Voltou a ver. Não o encontrou.

– Mas eu lembro-me do número.

– Não se lembra, não.

– Era 21 848... não, 847... Eu vou lembrar-me!

– Não vai, não.

– Porque é que eu estou aqui outra vez? Porque é que não ficámos no parque?

– Consigo a gritar desta maneira? Não podia ser – disse Pedro, rindo.

– Eu preciso de si, Pedro, acredite. Sem a sua ajuda, eu não tinha conseguido nada.

– Mas porque é que teima em dizer isso assim? Eu sou uma parte de si, não fiz nada que a Teresa não quisesse e não pudesse fazer sozinha.

– Mas eu gosto imenso de si! É horrível isso tudo que me está a dizer! Eu já perdi tantos de quem gostava...

Pedro agarrou-lhe suavemente na cabeça e encostou-a a si. Sentia nas mãos o pulsar rápido, sinónimo da aflicção que Teresa experimentava. Falou-lhe baixinho.

– Não se lembra de lhe terem dito que nada é em vão? As pessoas que desapareceram vão fazer-lhe falta, mas vão sempre ajudar a viver melhor o dia-a-dia.

Teresa encarou-o, ainda com a cara nas mãos dele, os olhos pisados de olheiras negras.

– Deixe-me ir agora embora, Teresa. Já não precisa de mim.

– O que foi isto tudo? Não posso saber?

– Mas a Teresa sabe. Quis muito mudar qualquer coisa na sua vida. Não é fácil decidir sozinha, mesmo com bons amigos como os que tem. Era preciso partilhar a conspiração com alguém. Ninguém melhor do que a sua própria vontade. Agora já não sou preciso.

– Quer dizer que não me vou lembrar de nada disto?

– Claro que se vai lembrar! Só que nunca vai conseguir contar o que se passou a ninguém. Aliás, porque, bem vistas as coisas, não se passou realmente nada de especial. A Teresa decidiu que queria mudar a sua vida e assumiu as suas decisões. Optou, conseguiu, sente-se mais feliz assim. Mesmo a sua relação com a Judite e com o Jorge vai sair beneficiada com tudo isto. Ganhou outra integridade, outra... sinceridade. Quando diz que sou uma pessoa fantástica, não percebe que está a falar de si mesma?

Teresa não respondeu a esta pergunta, como se não a pudesse entender.

– Mas vou poder lembrar-me de si, assim como o vejo agora?

– Sim. Vai dar-lhe muito conforto, essa memória.

– Mas vou sentir tanto a sua falta...

– Nisso acredito. Mas sabe que eu estou sempre em si.

– Custa-me perdê-lo.

– Nunca me vai perder, Teresa, porque é que diz isso assim?

A garganta começava a apertar-lhe tanto, que Teresa pensou que não ia aguentar falar mais. Abraçou-o com força, apertando-o bem contra si, como se pudesse impedi-lo de partir. Sentiu os dedos do Pedro por entre os cabelos e deixou-se ficar com a cara encostada ao peito dele.

Por fim, ganhou coragem e afastou-se.

– Então é adeus? Para sempre?

– Para sempre, porque vou estar *sempre* consigo...

– Nunca vai voltar para me ajudar?

– Ora, não vai ser preciso.

– Mas se for...

Teresa queria que ele lhe dissesse que sim, sabendo à partida que o facto de ele o dizer não iria garantir o seu regresso. Mas Pedro não a ia decepcionar. Prometeu que viria se ela estivesse muito desesperada. Pedro tinha as mãos pousadas nos ombros de Teresa e deu-lhe um beijo na testa.

Quando baixou os olhos para que Pedro não a visse chorar mais, encontrou o chão do parque. Logo que olhou para cima, constatou que Pedro desaparecera. Foi até ao banco mais próximo e sentou-se. Sentia as pernas fracas e estava tão cansada, que lhe parecia impossível voltar a sair dali. Chorou para dentro, num misto de alegria e tristeza. Tinha deixado escapar um amigo, pensou ainda. Tentou lembrar-se do número de telefone; não conseguiu. Procurou o cartão, despejando outra vez tudo o que tinha na mala em cima do banco. Nada. Tentou rever a cara dele e conseguiu imaginá-lo a sorrir, brincalhão e calmo. Conseguia ainda ouvir a voz grave.

Por fim, relaxou. Enxugou as lágrimas, pegou na mala e começou a andar para a saída do parque. Foi a pé até casa, deixando ali o carro. Sabia-lhe bem o vento fresco na cara. Sentia os passos um pouco mais seguros. Sacudiu o cabelo, ajeitou o casaco e continuou.

Que bom sentir-se acompanhada por si mesma.